

CONVERGÊNCIA



- O diálogo profético na Vida Religiosa à luz da Bíblia
- Ser igreja: a questão da "pertença"
- Esperanças e questionamentos a partir do Congresso Internacional de Vida Religiosa
- Abrir caminhos de futuro
- A Consciência Moral em Bernhard Häring



CRB

Sumário

EDITORIAL	257
PALAVRA DO PAPA	261
INFORME CRB	267
ARTIGOS	269
O diálogo profético na Vida Religiosa à luz da Bíblia	269
TOMAZ HUGHES, SVD	
Ser Igreja: a questão da "pertença"	279
LUIS CARLOS SUSIN	
Esperanças e questionamentos a partir do Congresso Internacional de Vida Religiosa	286
MARIA DEL PILAR MARTÍNEZ, FJ	
Abrir caminhos de futuro. Propostas dos 15 grupos de trabalho do Congresso Internacional de Vida Religiosa. Roma, 2004	293
A Consciência Moral em Bernhard Häring	303
LUCIANO GOMES DOS SANTOS	

A ilustração da capa da Convergência de 2005, do artista Anderson S. Pereira, MSC – Rio de Janeiro/RJ, apresenta elementos simbólicos estilizados: a tenda, símbolo de desinstalação, de busca do essencial; a mão, sinal da presença aconchegante de Deus; a lâmpada, evocação da luz do Espírito; o caminho, sinal de itinerância do povo de Deus. Tudo converge para o horizonte do futuro, para o Sol da Vida, sob o signo da Cruz do Ressuscitado.

O projeto gráfico da capa foi elaborado pelo designer Luiz Henrique Sales – Rio de Janeiro/RJ.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, NJ
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitória, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura	Brasil: R\$ 80,00
Anual	Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)
para 2005	Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00

Editorial



08 JUL 2005

CRB -
- BIBLIOTECA -
R. Alcindo Guanabara, 24/4º - Cinelândia
Cep 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Partir o pão e partilhar a vida

IR. MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

A festa de Corpus Christi constitui uma celebração relevante no calendário litúrgico da Igreja católica e particularmente nas comunidades eclesiais dos meios populares. Pelo Brasil afora são típicas desta festa as procissões eucarísticas, com seus trajetos artisticamente decorados de forma artesanal, buscando traduzir no simbolismo das imagens e dos gestos a fé na Eucaristia. Nessas expressões culturais de longa tradição e fortemente enraizadas no chão da piedade popular, privilegia-se, no mistério eucarístico, a dimensão da presença real e substancial do corpo e do sangue de Cristo na hóstia consagrada. Por isso elas são o momento da adoração, do louvor, da ação de graças, do obsequioso assentimento da fé ao inefável mistério.

A ênfase que a festa de Corpus Christi confere a essa dimensão da Eucaristia tem seu sentido e sua razão de ser. Chama a atenção para o fato de que o pão eucarístico é o corpo de Cristo dado em alimento *para que todos tenham vida*. Leva a comunidade a uma renovada consciência de que ao longo dos séculos a fé da Igreja foi unânime e

constante a esse respeito. Contribui para alimentar e revigorar essa fé.

Mas a celebração de Corpus Christi só adquire a sua plena significação quando percebida e vivida na totalidade do Mistério Eucarístico. Nessa totalidade, além da presença real de Jesus no pão eucarístico, estão incluídas a dimensão de comunidade inerente à eucaristia, o sentido de comida partilhada, a evocação da nova páscoa e da nova aliança, o memorial da ceia do Senhor.

Efetivamente, de acordo com os textos eucarísticos do Novo Testamento, a eucaristia é fato comunitário, gesto partilhado por um grupo e não gesto individual. Supõe comunhão de fé, de afeto e de vida. Nesse gesto comunitário aparece a comida partilhada como elemento central. A insistência no "comer" e no "beber" que os textos da Escritura evidenciam não parece ocasional. Faz tomar consciência de que a eucaristia é essencialmente comida, onde o pão é partido e repartido entre os comensais e onde todos bebem do mesmo cálice que é passado de um a outro sucessivamen-

te. Esse gesto da partilha do pão e do vinho vincula os comensais entre si num mesmo "corpo" – o corpo de Cristo – e gera uma comunidade onde a característica primeira é o amor manifestado no serviço. Tudo isso lembra que o essencial da Eucaristia não é o rito, mas o que se expressa no símbolo – o amor –.

É por isso que a Eucaristia foi sempre considerada na tradição da Igreja como o sacramento da identificação com a vida de Jesus, e da entrega da própria vida no seguimento do Mestre; o sacramento que liberta o cristão/ã para o discipulado e o revigora nas agruras do caminho; que o faz solidário com os pequenos e os sofredores da história, à semelhança daquele que o nutre com seu corpo e o envia em missão ao mundo. É nessa perspectiva que a Eucaristia ganha sua verdadeira dimensão de memorial e de aliança, de celebração e de comida partilhada, de proclamação da morte e ressurreição de Jesus até que Ele venha.

Na celebração de Corpus Christi deste ano, seria oportuno que as comunidades nos fizéssemos algumas perguntas: Até que ponto, nas nossas comunidades, a Eucaristia é memorial e profecia? Até que ponto temos nela o referencial da comunhão e da unidade, da solidariedade e da paz? Sabemos buscar na Eucaristia a fonte de água viva que nutre e revigora o nosso compromisso de *dar a vida*? Somos conscientes de que a eucaristia é o espaço privilegiado do perdão e da reconciliação? Vivenciamos a celebração eucarística como *comida partilhada, como pão repartido e sangue derramado*? Fazemos das nossas celebrações verdadeiras experiências de fé e de compromisso?

Os artigos publicados na Convergência neste mês de junho querem contribuir para

que as comunidades, congregadas no nome de Jesus e reunidas na comunhão do mesmo *Corpo*, sejam de fato sinal profético da unidade e da entrega da vida num mundo dividido e desigual.

O artigo de Tomaz Hughes – "O diálogo profético na Vida Religiosa à luz da Bíblia" – é um texto particularmente atual e inspirado. O autor parte de uma breve consideração sobre o contexto mundial de hoje, marcado de forma incontestada pela violência e a intolerância, inclusive as de viés religioso. A seguir, desenvolve uma interessante abordagem do diálogo profético, com base em textos bíblicos e tendo como pano de fundo algumas questões hoje candentes: – diálogo inter-religioso, pluralismo, pós-modernidade e inculturação. Para o autor, o Deus da Revelação bíblica é o Deus do diálogo, nunca "um Deus em si", sempre "um Deus em relação", ou seja, em diálogo. Comentando textos do Antigo e do Novo Testamento, o autor procura mostrar a importância que tem nas práticas de Jesus o diálogo com os pobres e os marginalizados, e lembra que o desafio para nós, seus seguidores, é sermos hoje continuadores dessas práticas de Jesus, onde estivermos. O texto coloca ainda em evidência a necessidade do diálogo com pessoas de outras culturas, de diferentes tradições religiosas, de ideologias seculares, com pessoas sem fé ou desvinculadas das igrejas e de qualquer crença. Na conclusão, convida a Vida Religiosa a não deixar que seu testemunho profético perca vigor e audácia: "Alimentados com o pão da Palavra e do Sacramento, proclamemos com palavras e com a ação profética, numa sociedade que nega tantos valores evan-

gêlicos e tenta destruir as utopias, que *outro mundo é possível*".

Luis Carlos Susin, no seu artigo – “Ser Igreja: a questão da “pertença” – trata com perspicácia e lucidez a questão da pertença em relação com a Igreja, “em tempos de fluidez e complexidade, de sistemas sociais e institucionais cada vez mais objetivos e de individualismo cada vez mais narcisista”. Nessa perspectiva o autor começa o texto fazendo algumas perguntas cruciais: - “Como ser Igreja nessas condições históricas?” – “Como ser Igreja nos anos que começam o século XXI, com fidelidade ao tesouro de nosso passado e com criatividade diante dos desafios de nosso futuro num mundo tão escorregadio, tão fluído e líquido, complexo e caótico ao mesmo tempo?” No intuito de querer encontrar resposta a essas perguntas e de levar os leitores a se sentir eles também empenhados nessa busca de resposta, Susin articula o texto desenvolvendo afirmações profundamente questionadoras e atuais, com sentido de realismo e inquestionável sabor profético. Sua primeira afirmação – “A Igreja é nossa Mãe e nós nos tornamos mães da Igreja” – lembra a responsabilidade dos fiéis cristãos leigos ou religiosos de “passar de filho a mãe da Igreja”. A segunda afirmação – “Uma Igreja transparente apesar de si mesma” – leva o leitor a fazer um discernimento sobre os limites, as ambigüidades e as fidelidades da instituição Igreja na sua história concreta de mais de vinte séculos, lembrando que só a coragem da transparência nos conduzirá com humilde despojamento à “prova da verdade do que seja realmente essencial”. Uma terceira questão formulada como pergunta – “Igreja desde Abel, cainesca ou samaritana?” –

afronta a questão crucial do verdadeiro sentido de ser Igreja na fragilidade de Abel: “uma primeira missão, para quem quer ser fiel às origens, é reconhecer a Igreja desde Abel dispersa no sangue e nas lutas cotidianas dos pobres”. No item conclusivo o autor apresenta alguns “exercícios de ser Igreja” que são um convite, particularmente à Vida Religiosa, a nos deixarmos interpelar pelo Espírito na nossa maneira de ser Igreja hoje.

Os ecos do Congresso Internacional de Vida Religiosa do final de 2004 continuam chegando até nossas comunidades, desta vez no testemunho profético de María del Pilar Martinez, FJ com seu texto – “Esperanças e questionamentos a partir do Congresso Internacional de Vida Religiosa” -. A autora descreve o desenrolar do Congresso, como um árduo itinerário “da perplexidade à utopia do Reino”, em que a percepção da atual situação de kénosis da Vida Religiosa foi levando religiosos e religiosas a uma forte tomada de consciência da gravidade do atual momento histórico. A difícil e ao mesmo tempo gratificante tarefa de encontrar sinais de esperança nessa hora de perplexidades é apresentada no texto com grande realismo e profundo sentido de esperança. Partindo dessa tomada de consciência dos limites e possibilidades da Vida Religiosa hoje, a autora passa a comentar os dois ícones bíblicos que iluminaram a reflexão dos Congressistas: a Mulher Samaritana e o Samaritano. No seu comentário ao primeiro ícone, e parafraseando a palestrista Dolores Aleixandre, a autora chama a atenção para os “maridos” que impedem a Vida Religiosa de ser livre e audaz no seu testemunho profético no mundo de hoje. Com isso pro-voca as co-

comunidades religiosas a identificar no seu dia a dia esses “maridos”, a fim de re-encontrar a liberdade de servir e de amar. Sobre o ícone do Samaritano, diz a autora: – “creio poder afirmar que a metáfora evangélica do Samaritano penetrou transversalmente todas as reflexões e os debates do Congresso. Projetou luz sobre questões hoje fundamentais para o testemunho e a profecia da VR na sociedade contemporânea onde se multiplicam de maneira tão alarmante que chega até a assustar, os caídos na beira da estrada”. À maneira de conclusão são apresentadas algumas perspectivas de futuro, lúcidas e perpassadas de audácia profética. Vale a pena conferir, interiorizar e partilhar o que essas perspectivas nos inspiram.

O texto – “Abrir caminhos de futuro” – é um subsídio para refletir sobre os grandes temas tratados no Congresso Internacional de Vida Religiosa. Apresenta uma síntese bem elaborada da reflexão e discussão dos quinze grupos de trabalho que se constituíram dentro do Congresso. Sugere pistas interessantes para o estudo desses temas nas comunidades, na variedade de contextos sociais, culturais e religiosos. Constitui, assim, um meio de manter acesa a chama da “Paixão por Cristo – Paixão pela humanidade” que o Congresso quis fazer brilhar no horizonte da Vida Religiosa, nas atuais circunstâncias do nosso mundo.

“A Consciência Moral em Bernard Häring” – de Luciano Gomes de Souza – é

um texto de peculiar interesse para a vida cristã, particularmente no contexto do mundo pós-moderno, onde a sensibilidade em relação com as questões éticas e morais, por um lado, se agudiza e, por outro, parece relativizar-se de forma inédita. O objetivo do artigo, conforme o autor, é apresentar uma “explicitação do discurso e da prática da Teologia Moral católica para os fiéis católicos e para todas as pessoas que no âmago de suas vidas fazem a experiência de ser povo de Deus, que procuram viver conforme a luz do Evangelho, o comportamento moral, com uma consciência livre e fiel a Cristo”. Com esse objetivo, o texto tece comentários pertinentes e oportunos aos principais eixos do pensamento do conhecido e insigne *Mestrê* da Teologia Moral do século XX, Bernard Häring. Discorre, assim, sobre a relação *consciência e discipulado*, de capital importância na visão atual de vida cristã. Confere destaque especial às questões relativas à *compreensão sagrada da consciência*, e da *consciência distintamente cristã*. Trata com clareza e lucidez da importância que Häring atribui à *reciprocidade de consciências* e à *liberdade de consciência*. Oferece elementos valiosos para compreender a sempre antiga e sempre nova questão *consciência e autoridade eclesial*. Finalmente sugere como lidar com a *consciência inquieta e escrupulosa*. O texto tem mordência e está bem documentado. Merece ser lido e debatido nas comunidades com interesse e espírito crítico.



Palavra do Papa

Santa Missa

Imposição do Pálio e entrega do Anel do Pescador para o início do Ministério Petrino do Bispo de Roma

Homilia de sua Santidade Bento XVI

Praça de São Pedro

Domingo, 24 de abril de 2005

*Senhores Cardeais,
Venerados Irmãos no episcopado
e no sacerdócio,
Distintas Autoridades
e Membros do Corpo Diplomático,
Caríssimos Irmãos e Irmãs!*

Por três vezes, nestes dias tão intensos, o cântico das ladainhas dos Santos nos acompanhou: durante o funeral do nosso Santo Padre João Paulo II; por ocasião da entrada dos Cardeais em Conclave, e também hoje, quando as cantamos de novo com a invocação: *Tu illum adiuva* ampara o novo sucessor de São Pedro. Todas as vezes, de modo totalmente particular ouvi este cântico orante como um grande conforto. Quanto nos sentimos abandonados depois da perda de João Paulo II! O Papa

que por 26 anos foi o nosso pastor e guia no caminho através deste tempo.

Ele cruzou o limiar para a outra vida entrando no mistério de Deus. Mas não deu este passo sozinho. Quem crê, nunca está sozinho nem na vida nem na morte. Naquele momento nós pudemos invocar os santos de todos os séculos, os seus amigos, os seus irmãos na fé, sabendo que teriam estado no cortejo vivo que o teria acompanhado no além, até à glória de Deus. Nós sabemos que a sua chegada era esperada. Agora sabemos que ele está entre os seus e está verdadeiramente em sua casa. De novo, fomos confortados cumprindo a solene entrada em conclave, para eleger aquele que o Senhor tinha escolhido. Como podíamos reconhecer o seu nome? Como podiam, 115 Bispos, provenientes de todas as

culturas e países, encontrar aquele ao qual o Senhor desejava conferir a missão de ligar e desligar? Mais uma vez, nós o sabíamos: sabíamos que não estávamos sós, que estávamos circundados, conduzidos e guiados pelos amigos de Deus.

E agora, neste momento, eu, frágil servo de Deus, devo assumir esta tarefa inaudita, que realmente supera qualquer capacidade humana. Como posso fazer isto? Como serei capaz de o fazer? Todos vós, queridos amigos, acabastes de invocar todos os santos, representados por alguns dos grandes nomes da história de Deus com os homens. Desta forma, também em mim se reaviva esta autoconsciência: não estou sozinho. Não devo carregar sozinho o que na realidade nunca poderia carregar sozinho. Os numerosos santos de Deus protegem-me, amparam-me e guiam-me. E a vossa oração, queridos amigos, a vossa indulgência, o vosso amor, a vossa fé e a vossa esperança acompanham-me. De fato, à comunidade dos santos não pertencem só as grandes figuras que nos precederam e das quais conhecemos os nomes. Todos nós somos a comunidade dos santos, nós batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, nós que vivemos do dom da carne e do sangue de Cristo, por meio do qual ele nos quer transformar e tornar-nos semelhantes a si mesmo.

Sim, a Igreja é viva eis a maravilhosa experiência destes dias. Precisamente nos tristes dias da doença e da morte do Papa isto manifestou-se de modo maravilhoso aos nossos olhos: que a Igreja é viva. E a Igreja é jovem. Ela leva em si o futuro do mundo e por isso mostra também a cada um de nós o caminho para o futuro. A Igreja é viva e nós vemo-lo: experimenta-

mos a alegria que o Ressuscitado prometeu aos seus. A Igreja é viva, ela é viva, porque Cristo é vivo, porque verdadeiramente ele ressuscitou. No sofrimento, presente no rosto do Santo Padre nos dias de Páscoa, contemplamos o mistério da paixão de Cristo e, ao mesmo tempo, tocamos nas suas feridas. Mas em todos esses dias também pudemos, num sentido profundo, tocar o Ressuscitado. Foi-nos concedido experimentar a alegria que ele prometeu, depois de um breve tempo de obscuridade, como fruto da sua ressurreição.

A Igreja é viva. Saúdo assim com grande alegria e gratidão todos vós, que estais aqui reunidos, venerados Irmãos Cardeais e Bispos, caríssimos sacerdotes, diáconos, agentes de pastoral, catequistas. Saúdo a vós, religiosos e religiosas, testemunhas da transfigurante presença de Deus. Saúdo a vós, irmãos leigos, imersos no grande espaço da construção do Reino de Deus que se expande no mundo, em todas as expressões da vida. O discurso torna-se repleto de afeto também na saudação que dirijo a quantos, renascidos no sacramento do Batismo, ainda não estão em plena comunhão conosco; e a vós irmãos do povo judaico, a quem nos sentimos ligados por um grande patrimônio espiritual comum, que afunda as suas raízes nas irrevogáveis promessas de Deus. O meu pensamento, por fim quase como uma onda que se expande dirige-se a todos os homens do nosso tempo, crentes e não crentes.

Queridos amigos! Neste momento não temos necessidade de apresentar um programa de governo. Alguns aspectos daquilo que eu considero minha tarefa, já tive ocasião de os expor na mensagem de quarta-feira 20 de abril; não faltarão outras

ocasiões para o fazer. O meu verdadeiro programa de governo é não fazer a minha vontade, não perseguir idéias minhas, pon-do-me contudo à escuta, com a Igreja inteira, da palavra e da vontade do Senhor e deixar-me guiar por Ele, de forma que seja Ele mesmo quem guia a Igreja nesta hora da nossa história. Em vez de expor um programa, gostaria simplesmente de procurar comentar os dois sinais com os quais é representada liturgicamente a assunção do Ministério Petrino; contudo, estes dois sinais refletem também exatamente o que é proclamado nas leituras de hoje.

O primeiro sinal é o Pálio, tecido em lã pura, que me é colocado sobre os ombros. Este antiqüíssimo sinal, que os Bispos de Roma usam desde o século IV, pode ser considerado como uma imagem do jugo de Cristo, que o Bispo desta cidade, o Servo dos Servos de Deus, assume sobre os seus ombros. O jugo de Deus é a vontade de Deus, que nós aceitamos. Esta vontade não é para nós um peso exterior, que nos oprime e nos priva da liberdade. Conhecer o que Deus quer, conhecer qual é o caminho da vida eis a alegria de Israel, era o seu grande privilégio. Esta é também a nossa alegria: a vontade de Deus não nos desvia, mas purifica-nos talvez de maneira até dolorosa e assim conduz-nos a nós mesmos. Desta forma, não servimos só a Ele mas à salvação de todo o mundo, de toda a história. Na realidade o simbolismo do Pálio é ainda mais concreto: a lã do cordeiro pretende representar a ovelha perdida ou também a doente e frágil, que o pastor coloca sobre os ombros e conduz às águas da vida. A parábola da ovelha perdida, que o pastor procura no deserto, era para os Padres da Igreja uma

imagem do mistério de Cristo e da Igreja. A humanidade, todos nós, é a ovelha perdida que, no deserto, já não encontra o caminho. O Filho de Deus não tolera isto; Ele não pode abandonar a humanidade numa condição tão miserável.

Levanta-se de ímpeto, abandona a glória do céu, para reencontrar a ovelha e se-gui-la, até à cruz. Carrega-a sobre os ombros, leva a nossa humanidade, leva-nos a nós mesmos. Ele é o bom pastor, que oferece a sua vida pelas ovelhas. O Pálio diz antes de tudo que todos nós somos guiados por Cristo. Mas ao mesmo tempo convida-nos a levar-nos uns aos outros. Assim o Pálio se torna o símbolo da missão do pastor, de que falam a segunda leitura e o Evangelho. A santa preocupação de Cristo deve animar o pastor: para ele não é indiferente que tantas pessoas vivam no deserto. E existem tantas formas de deserto. Há o deserto da pobreza, o deserto da fome e da sede, o deserto do abandono, da solidão, do amor destruído. Há o deserto da obscuridão de Deus, do esvaziamento das almas que perderam a consciência da dignidade e do caminho do homem. Os desertos exteriores multiplicam-se no mundo, porque os desertos interiores tomaram-se tão amplos. Por isso, os tesouros da terra já não estão ao serviço da edificação do jardim de Deus, no qual todos podem viver, mas tornaram-se escravos dos poderes da exploração e da destruição. A Igreja no seu conjunto, e os Pastores nela, como Cristo, devem pôr-se a caminho, para conduzir os homens fora do deserto, para lugares da vida, da amizade com o Filho de Deus, para Aquele que dá a vida, a vida em plenitude. O símbolo do cordeiro tem ainda outro aspecto. No Antigo Oriente era cos-

tume que os reis se designassem como pastores do seu povo. Esta era uma imagem do seu poder, uma imagem cínica: os povos eram para eles como ovelhas, das quais o pastor podia dispor como lhe aprazia. Enquanto o pastor de todos os homens, o Deus vivo, se tornou ele mesmo cordeiro, pôs-se do lado dos cordeiros, daqueles que são esmagados e mortos.

Precisamente assim Ele se revela como o verdadeiro pastor: "Eu sou o bom pastor... Ofereço a minha vida pelas minhas ovelhas", diz Jesus de si mesmo (cf. *Jo 10,14 s*). Não é o poder que redime, mas o amor! Este é o sinal de Deus: Ele mesmo é amor. Quantas vezes nós desejaríamos que Deus se mostrasse mais forte. Que atingisse duramente, vencesse o mal e criasse um mundo melhor. Todas as ideologias do poder se justificam assim, justificando a destruição daquilo que se opõe ao progresso e à libertação da humanidade. Nós sofremos pela paciência de Deus. E de igual modo todos temos necessidade da sua plenitude. O Deus, que se tornou cordeiro, diz-nos que o mundo é salvo pelo Crucificado e não por quem crucifica. O mundo é redimido pela plenitude de Deus e destruído pela impaciência dos homens.

Significado da entrega do anel do pescador: conquistar os homens para o Evangelho. Uma das características fundamentais deve ser a de amar os homens que lhe foram confiados, assim como ama Cristo, a cujo serviço se encontra. "Apascenta as minhas ovelhas", diz Cristo a Pedro, e a mim, neste momento. Apascentar significa amar, e amar quer dizer também estar prontos para sofrer. Amar significa: dar às ovelhas o verdadeiro bem, o alimento da verdade de Deus, da palavra de

Deus, o alimento da sua presença, que ele nos oferece no Santíssimo Sacramento. Queridos amigos neste momento eu posso dizer apenas: rezai por mim, para que eu aprenda cada vez mais a amar o Senhor. Rezai por mim, para que eu aprenda a amar cada vez mais o seu rebanho, vós, a Santa Igreja, cada um de vós singularmente e todos vós juntos. Rezai por mim, para que eu não fuja, por receio, diante dos lobos. Rezai uns pelos outros, para que o Senhor nos guie e nós aprendamos a guiar-nos uns aos outros.

O segundo sinal, com o qual é representado na liturgia de hoje o início do Ministério Petrino, é a entrega do anel do pescador. A chamada de Pedro para ser pastor, que ouvimos no Evangelho, acontece depois de uma pesca abundante: depois de uma noite, durante a qual tinham lançado as redes sem pescar nada, os discípulos vêm na margem do lago o Senhor Ressuscitado. Ele ordena-lhes que voltem a pescar mais uma vez e eis que a rede se enche tanto que eles não conseguem tirá-la para fora da água; 153 peixes grandes: "E apesar de serem tantos, a rede não se rompeu" (*Jo 21,11*). Esta narração, no final do caminho terreno de Jesus com os seus discípulos, corresponde a uma narração do início: também então os discípulos não tinham pescado nada durante toda a noite; também então Jesus tinha convidado Simão a fazer-se ao largo mais uma vez.

E Simão, que ainda não era chamado Pedro, deu a admirável resposta: Mestre, porque tu o dizes, lançarei as redes! E eis o conferimento da missão: "Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens" (*Lc 5,1-11*). Também hoje é dito à Igreja e aos sucessores dos apóstolos que se façam

ao largo no mar da história e que lancem as redes, para conquistar os homens para o Evangelho, para Deus, para Cristo, para a vida. Os Padres dedicaram um comentário muito particular a esta tarefa. Eles dizem assim: para o peixe, criado para a água, é mortal ser tirado para fora do mar. Ele é privado do seu elemento vital para servir de alimento ao homem. Mas na missão do pescador de homens acontece o contrário. Nós homens vivemos alienados, nas águas salgadas do sofrimento e da morte; num mar de obscuridade sem luz. A rede do Evangelho tira-nos para fora das águas da morte e conduz-nos ao esplendor da luz de Deus, na verdadeira vida. É precisamente assim na missão de pescador de homens, no seguimento de Cristo. É necessário conduzir os homens para fora do mar salgado de todas as alienações rumo à terra da vida, rumo à luz de Deus. É precisamente assim: nós existimos para mostrar Deus aos homens. E só onde se vê Deus, começa verdadeiramente a vida. Só quando encontramos em Cristo o Deus vivo, conhecemos o que é a vida. Nós somos o produto casual e sem sentido da evolução. Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário. Não há nada mais belo do que ser alcançados, surpreendidos pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-Lo e comunicar com os outros a Sua amizade. A tarefa do pastor, do pescador de homens muitas vezes pode parecer cansativa. Mas é bela e grande, porque em definitivo é um serviço à alegria, à alegria de Deus que quer entrar no mundo.

Gostaria de realçar aqui mais uma coisa: quer na imagem do pastor quer na do pes-

gador sobressai de maneira muito explícita a chamada à unidade. “Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil. Também estas Eu preciso de as trazer e hão-de ouvir a minha voz; e haverá um só rebanho e um só pastor” (Jo 10,16), diz Jesus no final do sermão do bom pastor. E a narração dos 153 grandes peixes termina com a gloriosa constatação: “apesar de serem tantos, a rede não se rompeu” (Jo 21,11). Ai de mim, amado Senhor, agora ela rompeu-se! Poderíamos dizer que sofremos. Mas não, não devemos estar tristes! Alegremo-nos pela tua promessa, que não desilude, e façamos o possível para percorrer o caminho rumo à unidade, que tu prometeste. Façamos memória dela na oração ao Senhor, como pedintes: sim, Senhor, recorda-te de tudo o que prometeste. Faz com que sejam um só pastor e um só rebanho! Não permitas que a tua rede se rompa e ajuda-nos a ser servos da unidade!

Neste momento a minha recordação volta ao dia 22 de outubro de 1978, quando o Papa João Paulo II deu início ao seu ministério aqui na Praça de São Pedro. Ainda, e continuamente, ressoam aos meus ouvidos as suas palavras de então: “Não tenhais medo, abri de par em par as portas a Cristo!” O Papa dirigia-se aos fortes, aos poderosos do mundo, os quais tinham medo que Cristo pudesse tirar algo ao seu poder, se o tivessem deixado entrar e concedido a liberdade à fé. Sim, ele ter-lhes-ia certamente tirado algo: o domínio da corrupção, da perturbação do direito, do arbítrio. Mas não teria tirado nada do que pertence à liberdade do homem, à sua dignidade, à edificação de uma sociedade justa. O Papa falava também a todos os homens, sobretudo aos jovens. Porventura não temos

todos nós, de um modo ou de outro, medo, se deixarmos entrar Cristo totalmente dentro de nós, se nos abrimos completamente a Ele, medo de que Ele possa tirar-nos algo da nossa vida? Não temos porventura medo de renunciar a algo de grandioso, único, que torna a vida tão bela? Não arriscamos depois de nos encontrarmos na angústia e privados da liberdade? E mais uma vez o Papa queria dizer: não! Quem faz entrar Cristo, nada perde, nada, absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande. Não! Só nesta amizade

se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade experimentamos o que é belo e o que liberta. Assim, eu gostaria com grande força e convicção, partindo da experiência de uma longa vida pessoal, de vos dizer hoje, queridos jovens: não tenhais medo de Cristo! Ele não tira nada, ele dá tudo. Quem se doa por Ele, recebe o cêntuplo. Sim, abri de par em par as portas a Cristo e encontrareis a vida verdadeira. Amém.

**“Quem faz entrar Cristo, nada perde,
nada, absolutamente nada daquilo que torna
a vida livre, bela e grande.”**



VIII Conferência Interamericana

Aconteceu, de 04 a 07 de maio, em Itaici, SP. Tendo como lema: Vida Religiosa, fermento nas Américas e inspirado no texto de Mt 13,33, Religiosos e Religiosas do Canadá, dos Estados Unidos, da América Central e do Caribe, bem como de todas as Conferências que compõem a CLAR (Confederação Latino-Americana de Religiosos) estiveram refletindo, rezando e traçando caminhos de futuro da VR nas Américas.

Tal como o fermento que não fica isolado, mas cumpre a sua finalidade quando em relação com a massa, assim a VR hoje caminha para a inter-relação, para a atuação em rede, buscando ser significativa em suas ações.

A VIII Conferência Interamericana definiu sua MISSÃO e projetou sua VISÃO para os próximos anos. Em 2010 quer celebrar alguns avanços na rede interamericana da VR.

1- Definição da Missão

Somos uma rede das organizações de religiosos/as das Américas, atentas à presença ativa de Deus em nossas realidades, unidas para fortalecer nossos vínculos e

tornar mais efetiva nossa comunicação e colaboração.

Em fidelidade à Palavra de Deus e à nossa vocação místico-profética, queremos chegar a ser fermento de conversão e transformação sócio-eclesial.

Queremos cultivar a esperança de que outro mundo seja possível e nos comprometemos a realizar ações conjuntas que favoreçam a criação de relações mais justas, equitativas e não violentas.

2- Visão 2010 da Rede Interamericana

Temos aprofundado nossas relações através da participação interativa na rede. Existe solidariedade e apoio ante desafios políticos, sociais, econômicos, culturais e religiosos. A estrutura da rede está mais bem organizada e desenvolvida.

Apoiamo-nos mutuamente como homens e mulheres para aprofundar o sentido e a missão da nossa Vida Religiosa e enriquecer nossas relações dentro da Igreja.

Temos contribuído para uma Vida Religiosa em comunhão e colaboração, animada pela força da Palavra de Deus e compro-

metida com outros grupos e organizações em ações proféticas conjuntas.

Aproveitamos a mídia para compartilhar as situações e experiências significativas de nossas conferências e países, em áreas de interesse comum.

Através dos projetos implementados, temos crescido no compromisso real e prioritário a favor dos mais pobres.

Temos uma voz em comum, com força moral e profética que, expressada de forma estratégica e solidária, a faz crível, como resposta aos aspectos fundamentais para a Igreja e nossos povos.

A VIII Conferência Interamericana foi concluída, mas não encerrada. Logo mais se terá acesso a todo o Plano de Ação para os próximos cinco anos.

“Em fidelidade à Palavra de Deus e à nossa vocação místico-profética, queremos chegar a ser fermento de conversão e transformação sócio-eclesial.”

O diálogo profético na Vida Religiosa à luz da Bíblia

TOMAZ HUGHES, SVD

Na reflexão atual na Igreja sobre a Teologia da Missão, muitos autores ressaltam cinco temas de peso: “diálogo profético”, “diálogo inter-religioso”, “pluralismo”, “pós-modernidade” e “inculturação”. A Vida Religiosa, que não existe em primeiro lugar para si, mas para o Reino, e portanto para a missão, não pode ficar alheia a estes temas complexos e candentes. Nesta reflexão quero abordar alguns elementos bíblicos que poderão nos ajudar a fundamentar melhor o tema e a proposta do “diálogo profético”, tendo sempre em mente como pano de fundo os outros quatro termos.

No mundo contemporâneo, facilmente pode parecer que propor “diálogo” como um elemento básico da identidade e missão da Vida Religiosa seja remar contra a correnteza – como realmente é! Pois uma das coisas que mais falta em nosso mundo é o diálogo – em todos os níveis. Domina no cenário mundial uma visão dualista e maniqueísta – que divide a humanidade em “*nós*” e “*eles*”, em “*bons*” e “*maus*” – e naturalmente, os bons se identificam com

o “*nós*”. George W. Bush divide o mundo entre o “*Bem*” e o “*Mal*”, como faz também o seu nêmesis e “gêmeo espiritual”, Osama bin-Laden. A religião frequentemente desenvolve um papel relevante neste processo de satanização dos outros, com a recrudescência do fundamentalismo nas Igrejas Católicas e Evangélicas, no Hinduísmo e no Budismo, no Judaísmo e no Islamismo. A responsabilidade de todas as religiões diante do diálogo torna-se mais urgente ainda diante da violência que se espalha em muitos lugares do mundo, em nome das religiões e de Deus. Embora mesclada com a política, a religião, ou melhor, a intolerância religiosa, tem se tornado motivo de atrocidades em países dos mais diversificados do mundo – em nome de Deus, de Jesus, de Alá, de Javé, de Krishna, de Buda, se mata e tortura, exila e oprime, muitas vezes apoiando-se numa leitura fundamentalista e equivocada das várias Sagradas Escrituras. Em nome do Cristianismo, do Islã, do Budismo, do Hinduísmo ou do Judaísmo, países como Palestina, Israel, Índia, Paquistão, Bósnia, Sérvia,

Croácia, Kosovo, Irlanda e Indonésia, para mencionar alguns, têm sido palco de chocantes crimes contra a humanidade, e portanto, contra o próprio Deus. Esses conflitos às vezes têm demonstrado como é superficial o nosso compromisso com os valores do Reino e com o seguimento de Jesus, pois muitas vezes o racismo, o nacionalismo, o tribalismo e a xenofobia falam mais forte do que o Evangelho. Com certeza o fanatismo toma conta somente duma minoria, mas na verdade talvez encontre ecos no fundo de coração de muitas pessoas que se consideram religiosas, sejam cristãs ou não.

Torna-se muito importante que a nossa opção para o diálogo como Consagrados/as seja bem fundamentada na Palavra de Deus e na Revelação, para não se tornar simplesmente um chavão, com pouco ou nada de repercussão na nossa vida e apostolado diários.

O nosso Deus é o Deus do diálogo

Na Bíblia, Deus nunca é um *"Deus em si"* mas sempre um *"Deus em relação"*, ou seja, em diálogo. A própria Trindade é o melhor exemplo do diálogo – um Deus que é incapaz de limitar-se à sua própria existência, mas que precisava criar para dialogar e que nos criou *"na sua imagem e semelhança"* (Gn 1,27). Muito mais do que um mistério de números, a Trindade nos traz o segredo da felicidade – se somos criados na imagem dum Deus que é diálogo perfeito, só seremos felizes na medida em que criarmos comunidades de diálogo e relações vivificantes. Qualquer opção para o fechamento, para o individualismo, para o egoísmo, necessariamente nos levará à frustração, pois estaremos negando a nos-

sa própria natureza. Precisamos recuperar cada vez mais a visão bíblica de Deus e livrar os nossos conceitos teológicos e a nossa maneira de falar de Deus da camisa-de-força das categorias filosóficas gregas, para redescobrir a ação dialógica do Deus da vida no dia a dia do mundo, em todas as culturas e todos os povos, tão clara na história do Povo de Deus na Bíblia.

O diálogo com os pobres e marginalizados

Desde a Conferência de Medellín (1968), a opção preferencial evangélica pelos pobres e excluídos faz parte da ação evangelizadora das Igrejas da América Latina, apesar de várias tentativas, ainda em progresso, de chutar esta opção para o esquecimento. Para não cairmos na tentação duma religiosidade *"light"*, tão em voga hoje, onde a sombra substitui a substância, onde o emocional toma o lugar da reflexão teológica e bíblica, e onde a teologia de retribuição recrudescer, cumpre lembrar que o fundamento da nossa opção evangelizadora não se baseia simplesmente numa análise da conjuntura (por tão indispensável que seja), nem uma indignação ética (que deve estar presente em qualquer pessoa humana), mas numa opção da fé, para sermos coerentes com a pessoa e a missão de Jesus, o Verbo Divino, que *"no princípio estava com Deus...era Deus...se fez carne e armou a sua tenda entre nós"* (cf. Jo 1,1.14). O Deus da Bíblia desde o início se revelou como partidário dos pobres e excluídos: *"Javé disse: "Eu ouvi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra os seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, descí para libertá-lo do poder dos egípcios"*

e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa....Por isso vá. Eu envio você a Faraó, para tirar do Egito o meu Povo" (Ex 3,7-10).

É bom recordar que o diálogo não é simplesmente uma atividade, mas muito mais uma atitude de solidariedade, respeito e amor que deve permear todas as nossas atividades. Essa atitude passa por nossa atividade de "ver", ouvir "conhecer" "descer" e "libertar" – como passou o diálogo bíblico de Javé com o seu povo. Pois em primeiro lugar o "Egito" não é um lugar geográfico, mas uma situação de opressão e exclusão, onde estivermos. Para sermos coerentes com o Deus que se revela em ação histórica, temos que rever o nosso "ver, ouvir e conhecer" para que possamos "descer e libertar" como fez o Deus em que acreditamos. O resto da Bíblia é consequência dessa revelação de Deus em Êxodo – a construção lenta do Reino de Deus, no meio das ambigüidades humanas, por parte de homens e mulheres imbuídos com o Espírito, apesar das suas limitações, e alcançando o seu ponto alto em Jesus, o Verbo Divino que "tinha a condição divina, mas não se apegou a sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz!" (Fl 2,6-8). Mais do que nunca, essa missão torna-se importante, pois cada vez mais se verifica no nosso tempo a veracidade da observação triste do Coélet: "Examinei também todas as opressões que se cometem

debaixo do sol. Aí está o choro dos oprimidos e não há quem os console; ninguém os apóia contra a opressão dos seus opressores" (Ecl 4,1). Num mundo em que parece que para muitos o tornar-se presbítero ou religioso/a implica status, posses e poder, nem sempre acompanhados por dedicação e competência profissional, a Escritura nos apresenta Jesus como modelo da ação do Deus, partidário dos sofridos.

É importante ter clareza que essa opção de Deus pelos pobres e excluídos prescinde de qualquer juízo moralista sobre as suas vidas. Deus opta por eles, não por serem melhores do que os outros, mas porque sofrem. Quando Israel, o povo escolhido, virou opressor, Deus deixou de apoiá-lo. O Deus da Bíblia não é arbitrário, nacionalista, racista ou etnocêntrico – Ele está ao lado de quem sofre, mesmo que essa opção levasse à morte do Verbo Encarnado.

Colocando-se claramente na tradição dos profetas, especialmente na espiritualidade dos "pobres de Javé" com raízes em Segundo e Terceiro Isaías, Zacarias e Sofonias (cf. Sof 3,11-13; Zc 9, 9-11; Is 52,13-53,12) Jesus, nas frases lapidares do Evangelho de Lucas, identifica os elementos essenciais da sua identidade e missão, e portanto as da Vida Religiosa, na ocasião da sua visita à sinagoga de Nazaré (Lc 4,14-21).

O texto relata uma das primeiras experiências da Vida Pública de Jesus. Deu-se na sua terra de criação – Nazaré. Na linguagem de hoje, Jesus foi para a capela da comunidade e foi convidado a fazer parte da equipe litúrgica, para fazer a segunda leitura. Parece que, naquela época, o culto da sinagoga tinha duas leituras – a primeira tirada da Lei, a segunda dos Profetas. A

primeira era prescrita, mas a segunda ficava a critério do leitor. Jesus, desenrolando o rolo do Profeta Isaías, encontrou a passagem que diz: *"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano da graça do Senhor"* (4,18-19). Não que ele encontrasse esta passagem por acaso! Pelo contrário – Jesus procurou até achar, pois ele identificava a sua missão com aquela descrita pelo profeta. Por isso, na hora da homilia, começou com a frase chocante: *"Hoje se cumpriu essa passagem da escritura, que vocês acabam de ouvir"* (4,21). Jesus identificou a sua missão com a do Capítulo 61 de Isaías. Nós, como discípulos dele, temos a mesma missão. Olhe-mos os elementos:

a. *"Anunciar a Boa-Notícia aos pobres"*: O Evangelho é "Boa-Notícia" – não uma série de leis, nem uma lista de práticas rituais, nem uma moral, (embora obviamente possua também estes elementos), mas uma experiência de Deus que traz alegria, felicidade – primordialmente para os pobres! Portanto, ele toma posição – o que é boa notícia para uns, pode ser má notícia para outros! O que é boa notícia para o oprimido, é má notícia para o opressor, a não ser que este se converta!! Não existe uma Boa-Notícia neutra, igualmente boa para todos!! Não devemos diluir o termo "pobre"- aqui não é o pobre de espírito, nem de coração, nem de fé.....é o pobre mesmo, aquele que não tem o necessário para uma vida digna! Não se discute aqui se existem ou não ricos que são bons – é claro que sim. Aqui Lucas quer deixar cla-

ro quem são os primeiros destinatários da Boa Nova, ou seja, com quem todos os discípulos de Jesus – *a fortiori* os religiosos e religiosas – devem estar em primeiro lugar em contato dialogal.

b. *"Proclamar a libertação aos presos"*: Não só aos na cadeia, mas que estão sem a liberdade dos filhos de Deus – hoje pessoas ou grupos presos pelas conseqüências do neo-liberalismo, do desemprego, do salário mínimo; pelas correntes de racismo, machismo, clericalismo, e tudo que oprime! Também aos presos no seu próprio egoísmo, pois o assumir dos valores evangélicos vai libertá-los. Porém, esta libertação passa pela mudança radical na sua maneira de viver.

c. *"Aos cegos a recuperação da vista"*: Quanta gente cega hoje!! Não por doença dos olhos, mas cegada pela ideologia dominante que não deixa ver a realidade do mundo e dos pobres, e infelizmente não poucas vezes se apresenta travestida de espiritualidade; pelas falsas utopias alienantes e pela manipulação de informação pelos Meios de Comunicação de Massa, dominados pela elite, que "fazem a cabeça"; quantos cegos diante da possibilidade de mudança através da força histórica dos oprimidos!!

d. *"Libertar os oprimidos"*: Aqui há o eixo fundamental de toda a Bíblia – o Êxodo, como processo permanente. No livro de Êxodo, Deus se identificou como o Deus que liberta os oprimidos (Ex 3,7-10). Jesus se coloca – e coloca todos os seus seguidores – neste mesmo compromisso. Hoje a época é diferente, mas a opressão continua, e Deus nos conclama para que todos nós nos empenhemos nesta luta para concretizar a libertação dos oprimidos.

e. "Proclamar o ano de graça do Senhor": O Ano da Graça – o Ano Jubilar!! Memória da proposta do Lv 25, o ano do perdão das dívidas, da libertação dos escravos, da devolução das terras aos seus donos originais!! Como concretizar, na realidade do Brasil de hoje, esta visão? Pois júbilo, alegria, não pode ser decretado – tem que brotar de algum motivo profundo.

Aqui o próprio Jesus fala da sua missão, que é a nossa. Pois fomos todos "consagrados com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres...para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar o ano da graça do Senhor".

O resto da vida de Jesus foi consequente com essa opção expressada nas palavras de Terceiro Isaías. Uma opção que o levou à ser perseguido e morto pelos detentores do poder religioso, político, judicial e econômico (cf. Mc 8,31). O nosso desafio é ser continuadores dessa opção, onde estivermos.

Manter esse diálogo (que é uma via de duas mãos) com os excluídos nunca foi fácil, nem para os primeiros cristãos, como fica claro nas cartas do Novo Testamento. Paulo chega ao ponto de desautorizar as Ceias Eucarísticas da comunidade de Corinto, por discriminar os pobres da comunidade (cf. 1Cor 11,17-34), e Tiago retrata uma comunidade classista que ele entende como traição do seguimento de Jesus (cf. Tg 2,1-7). Para nós hoje, numa sociedade de consumo, onde o que vale é o "ter" e não o "ser", manter diálogo profético com as classes excluídas torna-se cada vez mais "pedra-de-toque" de fidelidade a Jesus e à nossa vocação.

O diálogo profético com gente de outras culturas

Uma leitura literalista da Bíblia, tem nos dificultado bastante a possibilidade de encontrar uma visão universalista na Bíblia. A visão hegemônica da formação do Povo de Deus, totalmente dominante até os anos 70, e ainda prevalecente hoje, explicou a formação do Povo ao pé da letra – como se o Povo de Deus fosse um povo formado desde o início duma etnia, e não duma fusão de muitas etnias, raças e povos, unidos pela experiência da opressão, da corvêia e da busca duma sociedade igualitária, fundamentada numa nova experiência de Deus. (Na América Latina especialmente, essa nova visão deve muito aos trabalhos de Mendenthal, de Norman Gottwald, cf. "As Tribos de Javé", de Jorge Pixley, cf. "A História de Israel a Partir dos Pobres" e ao trabalho bíblico de entidades como o CEBI, a CRB, a CLAR). O etnocentrismo judaico fortaleceu-se a partir da reforma de Esdras, onde para conseguir sobreviver como minoria sem pátria na vastidão do Império Persa os judeus se fecharam ao redor da Lei e da pureza da raça. Mas uma leitura cuidadosa das Escrituras mostrar-nos-á muitos sinais de resistência e da rejeição dessa leitura da história, que fechava Deus dentro das fronteiras duma cultura. O livro de Rute é típico disso – onde a heroína é uma mulher, pobre e estrangeira (três classes desprezadas na cultura dominante) que se mostra fiel e que tornar-se-á a bisavó do Rei Davi.

Os livros Sapienciais valorizam muito a sabedoria da outras culturas – Provérbios incorpora um bloco inteiro de sabedoria estrangeira (cf. Pr 30-31). O neto e

tradutor dos pensamentos de Jesus Ben Sirac valoriza a oportunidade que teve de aprender no Egito (Prólogo de Eclesiástico) e o autor do livro de Sabedoria luta com as questões do diálogo entre a cultura judaica tradicional e a então cultura moderníssima helênica.

Mas talvez seja no Novo Testamento que esse diálogo torna-se mais agudo e importante. O Movimento de Jesus era fundamentalmente judaico, rural, e fortemente enraizado na tradições do povo de Palestina. Os primeiros missionários/as itinerantes, com destaque para Paulo, Barnabê, Pedro, Priscila, Áquila e seus companheiros e companheiras, tiveram que descobrir meios de traduzir esse movimento em termos inteligíveis para o mundo urbano, helenizado, cosmopolita e pluricultural do império greco-romano. Um desafio semelhante ao de hoje, onde ainda experimentamos tanta dificuldade em organizar uma pastoral urbana adequada, expressada em linguagem inteligível ao homem/mulher da pós-modernidade, na era da informática, tecnologia, biogenética e mudanças rápidas. Com todas as suas ambigüidades e equívocos, parece que esses primeiros missionários tiveram mais êxito em diálogo com o seu mundo moderno, não se apegando a formas culturalmente condicionadas do judaísmo, e tendo a coragem de romper com o secundário para preservar o essencial e descobrir novos meios de evangelização, usando as riquezas já existentes nas culturas encontradas. Se não fosse essa abertura para o diálogo intercultural, que levou às decisões do Conselho de Jerusalém (cf. At 15) e o rompimento com o etnocentrismo judaico, o cristianismo se-

ria até hoje uma mera seita judaica, como diversas outras, ou talvez tivesse se apagado nos caminhos da história.

O diálogo profético com pessoas de diferentes tradições religiosas ou ideologias seculares

Na nossa prática apostólica, muitas dessas categorias se confundem. Talvez – dependendo da situação – na maioria dos casos, gente das classes excluídas também, sejam de culturas marginalizadas e de diferentes tradições religiosas, sejam elas africanas, indígenas ou orientais. Um diálogo assim exige um despojamento do nosso – muitas vezes inconsciente – etnocentrismo. Temos que levar muito a sério o fato de que, limitados como somos devido a nossos pontos de vista pessoais e culturais, nenhum de nós alcançou a verdade total que Deus somente possui e que nos foi revelada em Cristo. Embora a Bíblia nos afirme que Deus nos criou à sua imagem e semelhança, na prática muitas vezes nós criamos um Deus à nossa imagem e semelhança! Com facilidade criamos caricaturas das crenças e expressões religiosas de outras tradições e, sem que notemos, a caricatura substitui a realidade. Assim freqüentemente se afirma que o Islã é violento e fundamentalista, o Hinduísmo cultua um Deus que é macaco, o Judaísmo é sionismo, o Protestantismo evangélico é explorador financeiro, os Carismáticos são todos alienados, as CEBs são politicamente manipuladas e assim por diante. A própria Bíblia não nos esconde como foi difícil na caminhada do Povo de Deus superar tais equívocos. A ação de Elias em degolar os pro-

fetas de Baal (1Rs 18) mostra muito pouca tolerância religiosa ou respeito pelas convicções alheias! As decisões do povo diante das exigências de Esdras, em despedir as suas mulheres estrangeiras e suas crianças, são louvadas pelo Cronista (Es 10) sem qualquer sensibilidade diante do sofrimento injustamente imposto em nome de Deus.

Porém também não faltavam vozes inspiradas para questionar essa visão. O segundo Isaías salienta que Deus afirma ao seu Servo que era *"muito pouco você tornar-se o meu servo só para reerguer as tribos de Jacó, só para trazer de volta os sobreviventes de Israel. Faço de você uma luz para as nações, para que a minha salvação chegue até os confins da terra"* (Is 49,6). O terceiro Isaías afirma que o estrangeiro terá o mesmo acolhimento que o judeu (Is 56,3-8).

Mas esse diálogo nunca foi fácil, mesmo no Novo Testamento. A linguagem polêmica de Paulo quando ele descreve a situação do mundo, tanto pagão como judaico (Rm 1,18), ou a sua diátribe diante da sociedade de Corinto (1Cor 6,9-10), carregada de conceitos – e preconceitos – antropológicos e morais judaicos da época, mostram como até o grande apóstolo dos gentios teve que crescer no processo dialogal. A divisão ocorrida na comunidade de Jerusalém por causa do abandono das viúvas dos helenistas (At 6,1-6) tinha a sua origem na incapacidade dos judeus-cristãos da Palestina de aceitar os cristãos helenistas, numa outra tradição, em pé de igualdade. Mas Atos nos mostra diversas vezes como Deus trabalhava em outras tradições religiosas. O primeiro estrangeiro convertido à Igreja em Atos é

um negro africano – o eunuco etíope (At 8,26-39). O próprio Pedro experimentou a ação do Espírito em gente de outra tradição religiosa quando, quebrando todos os tabus judaicos, ele entrou na casa de Cornélio (At 10). Enquanto falava com os membros da casa do centurião pagão, *"o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra"* (At 10,44). Isso causou espanto entre os judeus-cristãos que julgavam impossível que o Espírito Santo agisse no meio dos pagãos: *"Os fiéis de origem judaica... ficaram admirados de que o Dom do Espírito Santo também fosse derramado sobre os pagãos"* (At 10,45). Mas era fato – eles tinham recebido o Espírito Santo antes que fossem batizados! O Espírito Santo sopra onde e quando quer e não pede passagem. Tem sido uma tragédia histórica muitas vezes na história da Igreja a incapacidade de ver essa ação do Espírito em outras tradições, aprisionando-o nas categorias e expressões culturais do ocidente, esquecendo as raízes asiáticas do cristianismo, e impondo uma organização eclesial romanizada em lugar de tentar uma evangelização inculturada – a história da Vida Religiosa na América Latina que o diga!. Sem imputar qualquer falta de boa vontade às pessoas de outras épocas, como seria diferente a Igreja hoje se esse fechamento numa particular expressão cultural do catolicismo não tivesse vingado nas condenações contra a ação evangelizadora de Matteo Ricci na China e Roberto de Nobili na Índia, sem falar da destruição da tradições africanas e indígenas aqui no Brasil. Se é a verdade que todas essas expressões religiosas autóctones precisam de purificação, cumpre lembrar que as nossas

ocidentais também precisam. No mundo secularizado de certos países também torna-se essencial dialogar com pessoas que podem até negar a existência de Deus, mas cujas vidas demonstram muitos dos valores do Reino de Deus. Ninguém tem monopólio do Espírito Santo! Até o próprio Jesus nos dá um exemplo de abertura diante da vontade do Pai, expressada através duma pessoa de outra religião, no incidente do encontro com a mulher sirofenícia (Mc 8 24-30). Jesus entendia que era a vontade de Deus que a sua missão se dirigisse somente aos judeus, mas, dialogando com a mulher e ouvindo o seu grito de dor e fé, Jesus descobriu que a sua missão não se limitava a isso e mudou de prática. No diálogo com alguém duma outra tradição e cultura, o próprio Jesus clarificou a sua missão!

O diálogo com pessoas sem comunidade de Fé e que procuram a Fé

Em nossos dias é cada vez mais comum encontrar pessoas que não pertencem a uma Igreja organizada, mesmo que tenham fé em Jesus. Crescem em toda parte comunidades autônomas de cristãos, sem vínculo com as Igrejas estabelecidas. Outros se afastam das Igrejas tradicionais, por encontrarem nelas pouca abertura para o diálogo, fundamentalismo, irrelevância ou opressão, muitas vezes baseada em ideologias disfarçadas de teologia. Alguns partilham a experiência de Mahatma Ghandhi, que falava que gostava muito do Cristo mas não dos cristãos, pois não via neles a vivência do ensinamentos de Jesus. Há também quem se encontra nas margens das igrejas organizadas por motivos da sua op-

ção política, posição social, orientação sexual, ou situação matrimonial. Torna-se, no mundo pós-moderno, exigência para uma Vida Religiosa relevante ter a capacidade de dialogar com essa gente.

Novamente, Atos nos demonstra como os primeiros cristãos missionários tinham essa capacidade, mesmo que não fosse fácil nem para eles. Em muitas ocasiões o fariseu convertido, Paulo, achou no diálogo com os "*tementes de Deus*" elementos para fundar uma comunidade cristã urbana. Um exemplo interessante disso é o caso da Lídia, mulher e estrangeira, fundadora com Paulo e Silas da primeira comunidade da tradição paulina na Europa – Filipos (At 16,11-15). Numa cidade que era colônia de veteranos militares das legiões romanas e onde não havia nem sinagoga (porque nem devia ter dez homens judeus), Lídia e suas companheiras buscavam Deus da sua maneira. Num processo dialogal com Paulo e Silas, essa sua fé incipiente aprofundou-se, elas aceitam a Boa Nova, e acolhe Paulo e Silas como hóspedes na sua casa. Esse processo exigiu uma adaptação por ambas as partes – não devia ter sido fácil para Paulo aceitar hospedagem duma mulher, e nem para ela acolher missionários judeus itinerantes no ambiente duma colônia de veteranos militares. No diálogo mútuo, houve adaptação nos dois lados e fundou-se a comunidade dos filipenses, aliás uma comunidade com a qual Paulo mantinha sempre relações especialmente afetuosas e de que ele, contradizendo toda a sua prática normal, aceitava ajuda financeira (cf. Fl 4,15-18). No diálogo, muitos preconceitos caíram.

Na sociedade pós-moderna do séc. XXI, precisa-se duma abertura para esse

diálogo, a partir do exemplo de Jesus, de Barnabé, de Paulo, de Lídia. Ressoa – sem expressão verbal – o grito profundo do íntimo do pai do menino epiléptico “*Eu tenho fé, mas ajuda a minha falta de fé*” (Mc 9,24). A fé não é consentimento intelectual à uma série de verdades dogmáticas (sem negar a sua importância), nem uma adesão a um código moral e ético (que também é essencial), mas em primeiro lugar uma mística, uma adesão aos valores do Reino, tácitos ou explícitos, que põem a pessoa no caminho do seguimento de Jesus, o Verbo Divino, aquele que “*armou a sua tenda entre nós*” (Jo 1,14) e que veio “*para que todos tenham a vida e a tenham em abundância*” (Jo 10,10).

Conclusão

A nossa proposta de diálogo, não é para um diálogo qualquer. O termo “*profético*” deve fazer parte integral dela. Pois nós não dialogamos a partir de uma posição neutra, nem ingênua, mas sim da nossa fé. Essa fé nos leva a redescobrir a natureza profética da vocação cristã e, numa maneira específica, da Vida Religiosa. É uma característica do profeta ser um crítico da sociedade, anunciando e denunciando, defendendo os oprimidos e fracos e confrontando os poderosos e por isso mesmo perseguido. Necessariamente deve ser homem ou mulher de Deus, possuído pelo Espírito de Deus e animado pela sua Palavra. Pois o profetismo nosso tem um cunho especial, que o distingue de tantos outros profetas de hoje e de ontem. A nossa ação profética, incluindo a atitude de diálogo, se fundamenta na busca de coerência com o

Deus em que acreditamos, o Deus do Êxodo e de Jesus, o Deus que desceu mesmo na pessoa do Verbo Divino, que no início “*estava com Deus...era Deus...e se fez carne e armou a sua tenda no meio de nós*” (cf. Jo 1,1.14). Somente a partir duma opção profunda da fé, alimentada pela Palavra e pelo contato com o povo oprimido, podemos realmente ser profetas hoje. Aqui nós esbarramos contra a questão fundamental de toda a refundação da Vida Religiosa, tão enfatizada hoje na América Latina – a recuperação do Primado do Absoluto de Deus, não numa maneira teórica nem intimista, mas uma redescoberta do Deus da Bíblia, encarnado em Jesus Cristo, de quem só pode ter uma experiência real quem o segue na vivência do seu projeto, ele que veio “*para anunciar a Boa Notícia aos pobres; proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar o ano da graça do Senhor*” (cf. Lc 4,18s). Uma experiência real do Deus da Vida e de Jesus de Nazaré, necessariamente vai desembocar numa Vida Religiosa Profética, expressada no diálogo profético com vários grupos, como os quatro que assinalamos acima. A alternativa é a traição da nossa missão, carisma e identidade, e no fundo, a traição do próprio Jesus.

O grande referencial no caminho é a Palavra de Deus. A Palavra que revela a fidelidade de Deus que nunca abandonou o seu povo. “*Há uma esperança para o futuro*”, (Jr 31,17), mas ela tem que ser alimentada por uma constante leitura orante da Bíblia, feita na ótica do Deus que liberta, que se encarnou em Jesus, que veio “*para que*

todos tenham a vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). Esse alimento espiritual, tomado em comunidade, é imprescindível para que possamos colaborar na criação duma nova sociedade, manifestação do Reinado de Deus, passo por passo. Levemos a sério o convite do anjo para Elias, o grande profeta exausto e desanimado, quando disse *"levante-se e coma, pois o caminho é superior às suas forças"* (1Rs 19,7). Alimentados com o pão da Palavra e do Sacramento, proclamemos em palavra e ação proféticas ao mundo, à Igreja e à Vida Religiosa, numa sociedade que nega tan-

tos valores evangélicos e tenta destruir as utopias, que *"Um Outro Mundo É Possível"*, e que *"Há Uma Esperança Para O Seu Futuro"* (Jr 31,17). Um instrumento valioso na construção deste mundo novo na esperança há de ser o nosso engajamento, bem fundamentado, no processo complexo e desafiador de diálogo profético com os diversos grupos e pessoas que hoje são os nossos interlocutores.

Endereço do autor:

Rua Baltazar Carrasco dos Reis, 887

Rebouças - 80215-160 Curitiba / PR

E-mail: thughes@netpar.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Que aspectos do mundo atual estão desafiando mais o diálogo profético na Vida Religiosa?
- 2- Porque se pode dizer que o Deus bíblico é um Deus do diálogo?
- 3- Que passos podem ser dados na sua comunidade para fazer crescer o diálogo profético com os pobres e os marginalizados, com pessoas de outras culturas e de outras tradições religiosas?

“Num mundo em que parece que para muitos o tornar-se presbítero ou religioso/a implica status, posses e poder, nem sempre acompanhados por dedicação e competência profissional, a Escritura nos apresenta Jesus como modelo da ação do Deus, partidário dos sofridos.”

Ser Igreja: a questão da “pertença”¹

LUIS CARLOS SUSIN

“Ser ou não ser”, esta questão angustiante do indeciso Hamlet, um dos mais famosos personagens de Shakespeare, pode afetar também a condição cristã de “ser Igreja” em tempos de fluidez e complexidade, de sistemas sociais e institucionais cada vez mais objetivos e de individualismo cada vez mais narcisista. A questão da pertença, no caso da Igreja, se conecta intimamente com a questão da missão, e se torna muito sensível para as congregações religiosas com seus carismas e sua identidade. A eclesialidade da Vida Religiosa, de que já se falou muito, não é questão simples, e necessita ser encarada com a complexidade de nosso tempo.

“Complexidade” é palavra-chave para nos introduzirmos numa leitura de nossos dias. Talvez devêssemos constatar que todo tempo sempre teve sua própria complexidade. Mas a diferença é que hoje compreendemos melhor o que isso significa em termos de física e de compreensão do universo, em termos ecológicos e também em termos sociais, incluindo aqui a nova compreensão da economia e da política, das comunicações, e, afinal, a complexidade da condição humana. Numa ponta está a “teoria do caos”, destrutivo e criativo ao mes-

mo tempo, e na outra ponta está a teoria da “auto-organização”, começando pelos “fractais”, essas “quase realidades” que navegam em campos de energia e se tornam “atratores” e agregadores de energias e de estruturas e sistemas cada vez mais complexos sobre o caos. Em termos sociais e institucionais, por exemplo, os “fractais de igrejas” – Igreja da Rocha Firme, Igreja da Sétima Trombeta do Apocalipse, etc – surgem como cogumelos depois das tempestades, assim como nos movimentos sociais surgem, desde periferias caóticas da sociedade, organizações de sobrevivência, de auto-afirmação, de promoção, passando da informalidade e da simplicidade à complexidade.

A nova física, “quântica”, é um bom exemplo da superação de paradigmas – de padrões ou modelos globais a partir dos quais é possível entender as instituições sociais de determinadas épocas, inclusive a instituição eclesial e, nela, as congregações religiosas². A física quântica veio superando, no decorrer de todo o século XX, a física meramente mecanicista. Isso se reflete nas relações institucionais. Em termos de autoridade e obediência, por exemplo, no padrão mecanicista podia funcio-

¹ O presente artigo é uma reprodução ligeiramente ampliada do artigo “Ser Igreja: eis a questão”, publicado na Brochura nº 06, *Revendo Caminhos, Vislumbrando Horizontes* (Porto Alegre, 2005), elaborada pela Equipe de Reflexão Teológica da CRB/RS.

² Gerald Arbuckle, em seu livro *Refundar la Iglesia; Disidencia y liderazgo* (Santander: Sal Terrae, 1998) utiliza os paradigmas mecanicista e quântico para confrontar e analisar situações conflituosas na Igreja.

nar o dito hierárquico “manda quem pode e obedece quem deve”. Mas no novo paradigma quântico vale a definição de poder dada pela filósofa judia Hanna Arendt: “poder é capacidade de ação em conjunto”. Isso significa, em termos institucionais, inclusive eclesiais e congregacionais, que o único poder real é o poder que surge da participação ativa de todas as partes. É o que a teologia feminista cunhou como “empoderamento”, e que se busca em exercícios de grupos como “energização”, potencialização, etc. Isso não exclui a possibilidade de se tornar uma auto-afirmação da identidade fundamentalista ao invés de ser potencialidade para cumprir uma missão realmente evangelizadora, boa notícia para o mundo que está balançando entre o caos e sistemas cada vez mais complexos. Como ser Igreja nessas condições?

Nossa relação com a Igreja pode ser comparada à relação com a família e com a pátria: nela nascemos, somos seus filhos, temos direitos e deveres, e por ela acabamos sendo responsáveis um dia. Diante da realidade eclesial de carne e osso, corpo híbrido de santidade e pecado, nós podemos nos surpreender com sentimentos de amor e ódio ao mesmo tempo, como afirmam alguns psicanalistas a respeito de todo amor realista. Só a indiferença seria realmente mortal. O evangelho e Jesus são encantadores, mas quando se trata de viver como cristãos e cristãs em comunidade, em Igreja, o encanto pode ser posto à prova. Seria aparentemente mais cômodo resolver tudo individualmente, entrar na facilidade atual de organizar a própria religião particular. Mas, do ponto de vista cristão, somente como Igreja existe fé realista. É claro que ser Igreja hoje não significa o mesmo que

ter sido Igreja no seu primeiro século ou no final da Idade Média ou na metade do século XX, logo antes do Concílio Vaticano II. Como ser Igreja nos anos que começam o século XXI, com fidelidade ao tesouro de nosso passado e com criatividade diante dos desafios de nosso futuro num mundo tão escorregadio, tão fluído e “líquido”, complexo e caótico ao mesmo tempo? – eis a questão.

1. A Igreja é nossa mãe e nós nos tornamos mães da Igreja

Que a Igreja é “Mãe”, título tão antigo e sagrado na história da Igreja, isso não é pura retórica. Antes de invocar os Padres da Igreja, convém começar em casa: a nossa experiência nos recorda que foi nossa mãe, nossa família, nossa comunidade, quem nos legou o tesouro da fé. Nós cremos em Deus porque damos crédito à Igreja e confiamos nas palavras, nos exemplos e no envolvimento eclesial de nossa primeira Igreja, a Igreja de nossa família, de nossa infância, nosso primeiro amor na fé. A comunidade eclesial é um seio materno que gera cristãos. Nunca é demais começar reconhecendo que a Igreja é nossa mãe, que ela tem sotaque e manias de mãe. Que ela possa ser também nossa madrasta, no sentido pejorativo e abusivo da palavra, isso é outra possibilidade, mas em outro capítulo. A psicanálise, de fato, desvestiu as mães de sua áurea de romantismo, mas a maternidade e a filiação continuam sendo as relações mais primárias do ser humano.

Entre as grandes figuras da Igreja que nos lembram o quanto a Igreja é “mãe” está Santo Agostinho. Ele mesmo fez esta experiência em sua juventude de extraviados e angústias. O bispo Ambrósio e a co-

munidade católica de Milão o acolheram, o alimentaram com o leite da Palavra de Deus, transmitiram-lhe o batismo, fizeram Agostinho chorar “lágrimas que faziam bem” ao escutar os salmos, entusiasmaram-no para viver com pureza a vida dos primeiros cristãos. A Igreja de Milão honrou-o com o santo orgulho que uma mãe sente por um filho, e o fez sentir-se bem em sua auto-estima. Nutrido pela nova vida partilhada, Agostinho cresceu velozmente na fé e em sua humanidade.

O velho bispo e a Igreja de Hipona, na África, no entanto, pediram e até constrangeram Agostinho a aceitar a inversão dos papéis: ele deveria assumir as responsabilidades da comunidade, tornar-se o pastor de seus irmãos e irmãs na fé, acolher os novatos, ministrar a Palavra, nutrir e cuidar da saúde da fé do seu povo, enfim deveria ser *mãe para a Igreja*. Isso lhe deu muito trabalho e muitos sofrimentos, até desilusões amargas diante dos conflitos e da tibieza que enfrentou. Mas somente quando aceitou a nova ótica – ser mãe para a Igreja – realmente amadureceu seu próprio ser cristão com a fecundidade que se espalhou no espaço e no tempo. Não é necessário tornar-se bispo para ser chamado/a a ser “Mãe” para a Igreja. Certamente temos muitos outros exemplos em nossos fundadores e fundadoras. Trata-se, em primeiro lugar, de um dinamismo humano e cristão: o grande desafio da maturidade cristã é *passar de filho a mãe da Igreja*. Talvez seja necessário passar da submissão à rebeldia, à autonomia, num caminho assombrado pelas tentações de afastamento tanto em relação à comunidade eclesial como da própria fé nela recebida. Mesmo por caminhos tortuosos, é necessário ca-

minhar a criança, arriscar a perda da infância e a coragem da maternidade.

Por longos séculos, no conjunto da Igreja, sobretudo por efeito de forte hierarquização da Igreja, parecia que o papel de “Mãe” cabia somente à Hierarquia e aos Superiores e Superiores, desde o Papa até o padre, (incluindo, só em certa medida, as “mães”). Os fiéis cristãos, leigos ou religiosos, poderiam seguir sempre como dóceis ovelhinhas numa beata infância eclesial. Pois isso é que mudou radicalmente de uns tempos para cá. Ou ficamos nos lamentando e teimando em não crescer, ou assumimos a nossa vez de, sem ser bispos ou superiores, sermos mães para a Igreja, até mesmo para bispos e quem nos governa. E o nosso primeiro cuidado é ver com olhos maternos e com cuidadoso exame os belos traços dos rostos pelos quais nos alegamos, mas também as suas feridas freqüentemente veladas por atitudes rígidas e defensivas que reclamam com urgência nossa atenção e afeto.

2. Uma Igreja transparente apesar de si mesma

Hoje sabemos seguramente que estolas, mitras, elevação da hóstia e do cálice, dioceses, hábitos religiosos, títulos, normas, sacerdócio hierárquico, etc., por mais que se invoquem, e justamente, a sacralidade e o obséquio religioso, *tudo tem uma história*, e uma história muito humana. A Igreja e tudo o que há nela tem história. E quase tudo é criação, adaptação, solução ou resolução posterior ao tempo de Jesus na Palestina. É claro que o Senhor ressuscitado sempre assistiu com o Espírito Santo para que as comunidades de seus discípulos e discípulas seguissem de forma criativa, com adap-

tação e muita invenção. E nisso a Igreja é fiel: a cada época da história ela foi criando, se reformando, buscando novas formas por que nenhuma forma é divina.

Por outro lado, a Igreja está sobrecarregada de hábitos e estruturas antigas, decisões e formas que se acumulam desde as mais diferentes épocas de sua longa história que porta a marca da ambigüidade do tempo. Quase todos os nossos gestos litúrgicos, por exemplo, são verticais, feudais e medievais, gestos de senhorio e submissão. O Direito eclesiástico deve muito ao Direito romano. A falta de território bem definido fez a Igreja ir habitar o “território do dogma”, com uma exacerbação doutrinária que hoje parece ser a montanha parecida com a das leis do tempo dos fariseus. A confusão que facilmente se constata ao longo da história e também em nossos dias entre libido e poder, entre afetividade e auto-afirmação, enfim entre busca de aceitação através dos cargos quando celibato e encargos não estão sinceramente fundados no evangelho, é algo explosivo que hoje não dá para não ver, fruto de decisões históricas que dão o que pensar. Muita boa vontade pode estar misturada também com interesses desviantes. “Tudo começa na mística e termina na política”, nos ensinava fr. Carlos Zagonel, nosso professor de História da Igreja. Isso tem seu lado certo: tudo começa numa experiência de fé, mas deve se tornar prática com outros. Mas tem evidentemente seu lado de corrupção que clama aos céus.

Certo é que, na complexidade de nosso tempo, com as ciências humanas, a consciência histórica, as circunstâncias culturais contemporâneas, o seu pluralismo, a confrontação com tantas outras formas de

vida, de cultura e de religião, tudo isso contribuiu para – comparando com bom humor – “deixar o rei nu”. Um dos delicados problemas é como dizer ao próprio rei que o rei está nu! Há um problema de poder em jogo, e há um papel decisivo do afeto neste jogo. Não é algo que afeta somente a Igreja, mas todas as instituições e comunidades humanas – a família, a escola, a política, as profissões consideradas nobres, os juizes e políticos cuidando de seus salários e discutindo-os por televisão, tudo está “transparente”. A cultura como um todo, as artes, os valores, a espiritualidade, as embalagens sem conteúdo, os natais sem fé cristã, até a violência, tudo se tornou mais visível por toda parte. Todo segredo acaba sobre os telhados da Internet. O imperialismo se tornou cinicamente transparente aos olhos de todos, e a cultura de material descartável, de consumo e desperdício, se tornou desejável, efêmera e líquida, um dilúvio à vista. Uma das mais impactantes confissões do Concílio Vaticano II é esta: “A Igreja peregrina leva consigo – nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à idade presente – a figura deste mundo que passa” (LG 48). Por isso também é “dada em espetáculo”, não pode se esconder numa visão idealizada. A esta Igreja, como a uma Mãe, pertencemos, e dela cuidamos com mães que ela necessita.

O dilúvio é a imagem bíblica do caos. Também para a Igreja. No caos pós-eclesiástico de hoje navegam destroços e imitações de Igreja por toda esquina, como mencionei no início. George Bush e sua turma do Texas acreditam firmemente no arrebatamento dos justos que serão salvos da grande tribulação, identificando-se eles mesmos com o pequeno resto dos que serão salvos.

Afirmação da própria identidade, fundamentalismo, agarramento a formas exteriores e estereotipadas do passado, tudo isso é grande tentação também para nossa Igreja. Vontade de poder, de ganhar um lugar de relevância para nos assegurarmos de nossa verdade? Não é nada interessante gritar aos outros que nós somos importantes, que temos importância para eles. Não deverá ser o contrário? Em meio ao caos, não é a solidez gritante dos outros de carne e osso que poderão ser de suma importância para nos ancorarmos a nós mesmos, a nossa missão e o nosso evangelho?

Se o caos se tornou uma leitura do universo físico e da energia criativa, passando para a área social e eclesial, é compreensível que nos assuste, pois contém evidentemente muita morte, muita desordem e violência. Cheira a sangue derramado e martírio. Mas é a prova da verdade, do que seja realmente essencial. É a noite escura e a grande crise da qual poderemos sair realmente purificados.

3. Igreja desde Abel, cainesca ou samaritana?

Uma das expressões patrísticas sobre a Igreja, que ocorre à memória no meio dos fatos de hoje, conservada enigmaticamente no cânone da missa romana, é esta: *Ecclesia ab justo Abel* – Igreja desde o justo Abel. Não faltaram teólogos que, com esta expressão, descreveram a universalidade histórica e mesmo geográfica da Igreja, num esforço louvável de valorização e

de abraço amplo³. Mas hoje podemos tomar mais ao pé da letra o significado de Abel na Escritura⁴: não clama o sangue de Abel no atual caos da maioria das periferias feias e violentas, esmagadas e excluídas pelas complexas e poderosas instituições formais? Abel não é o rosto inocente marcado por muitas dores e o sangue dos mais frágeis sugado pelo vampirismo da economia globalizada? Que significado pode ter então “Igreja desde o justo Abel”?

Uma coisa é certa: sabemos claramente hoje que Jesus não pensava muitas dessas coisas que criamos com o tempo em nossas instituições eclesiais, ainda que sejam boas e com heróicas finalidades. Mas sabemos bem que Jesus pensava e acreditava firmemente na aproximação do Reino de Deus para os “pequerrinos” de nossas sociedades (os “diminuídos”, ou seja, os esmagados e humilhados, seguindo com rigor original a expressão de Mateus 25). Negar isso seria negar o evangelho e o próprio Jesus. Portanto, uma primeira missão, para quem quer ser fiel às origens, é reconhecer a Igreja desde Abel dispersa no sangue e nas lutas cotidianas dos pobres. Isso nem é opção, não tem outro jeito para se aproximar da Igreja que suspira pelo Reino e seus bens, a Igreja do justo Abel de nossos dias. Se o Reino, para Paulo, diante dos abusos, não é comida nem bebida, mas alegria e paz no Espírito (cf. Rm 14,17), no entanto para Jesus era pão e vinho, alegria espontaneamente eucarística, bênção divina repartida com as multidões que tinham corpo e fome, fraqueza e dese-

³ Teólogos como Y. Congar, H. de Lubac e B. Forte continuam na valorização clássica da expressão. Cf. FORTE B. *La Chiesa della Trinità. Saggio sul mistero della Chiesa comunione e missione*. Milano: San Paolo, 1995.

⁴ Cf. por exemplo, a releitura bíblica desde os nomes hebraicos e o sentido psicanalítico de Abel e Caim em: BALMARY M. *Abel ou la traversée de l'Éden*. Paris: Grasset, 1999.

jo. Aqui está a primeira e a mais ampla experiência de ser Igreja e Eucaristia: na fragilidade de Abel, dos ameaçados em sua pele e seu sangue, mas justos no seu clamor por pão e vinho, alegria e beleza, justiça e verdade de sua dignidade, quando são acolhidos e incluídos, dignificados pela nobreza da entrada no Reino – isso é ser a Igreja, a assembléia, a comunidade de Jesus. Aqui a “pertença” dá novo brilho.

Mas, como Igreja, podemos nos misturar a Caim e ser Caim, o forte, o construtor de cidades com muralhas e pai dos tocadores de flauta, pai das artes, dos que se dão ao gosto da carreira, do poder e do espetáculo, pai dos que têm poder às custas da submissão, da ignorância, do medo e do castigo. O quanto a Igreja teve atitudes cainescas ficou também transparente não somente nos estudos de história, mas inclusive no perdão pedido pelo Papa em nome da Igreja aos perseguidos, aos condenados, aos queimados, aos banidos, aos escravizados, sem falar nos infantilizados, que, por muito tempo foram grande maioria do povo. Mas Igreja somos nós, e a redenção de Caim está nas mãos de seus descendentes, na possibilidade de nos tornarmos o Samaritano.

Esta outra figura da Igreja, o Samaritano, dado como exemplo ao Doutor da Lei preocupado em obter a vida eterna, está na outra ponta, arriscando a transgressão dos limites sagrados da Lei, a impureza ritual ao se aproximar e tocar alguém que está caído “como morto”. Esta aproximação desarmada e desarmante despoja o caminhante de seus objetivos e crenças para se deter junto ao outro caído, com suas feridas, tomado de compaixão. A compaixão irá mover seus passos a partir daí. Na verdade, o samaritano, considerado um

impuro e endemoninhado pela ortodoxia de Jerusalém, ganha ele mesmo a sua nobreza e seu valor verdadeiro ao socorrer o caído, de tal forma que podemos inverter a tradicional expressão: o homem ferido foi o “bom samaritano” do samaritano, estimulando nele a oportunidade de desabrochar a bondade e a nobreza começadas na aproximação arriscada e na compaixão. Formaram uma comunidade na periferia dos seus sistemas, no caos de suas identidades, em estranha sensibilidade de comunhão que atinge a imensidão mística: a “vida eterna”, teorizada pelo Doutor em Leis na sua pergunta a Jesus, é dom nessa relação. Quer ser Igreja? Vai e faz o mesmo.

4. Exercícios de ser Igreja

A Igreja desde o justo Abel é um grande abraço. Com o tempo o abraço ficou medido. “Fora da Igreja não há salvação” é algo que não pode ser entendido hoje de forma jurídica e nem simplesmente institucional. Esta afirmação pode ser corretamente entendida se voltarmos à sua origem, no norte da África, nos tempos de São Cipriano e sua preocupação com os que, por temor às perseguições, se isolavam da comunidade. Pois “fora da comunidade” não subsiste a fé cristã. É da comunidade que se recebe o tesouro da fé, é nela que se cumpre a fé. A comunidade faz parte do próprio conteúdo da fé e da esperança no Reino de Deus. Exatamente a comunidade de carne e osso, com suas fragilidades e pecados, é o sujeito e o objeto da fé, pois é ela que recebe a promessa do Reino, que crê e é acreditada, que será transfigurada em Reino de Deus. Fora da comunidade, o indivíduo isolado não navega sobre o caos de nossos tempos líquidos e vertiginosos. Fragilizado, acaba como um

caído exangue à beira do caminho. A comunidade – a vida e os laços comunitários – é um sinal profético contra a tendência individualista de nossas sociedades.

A comunidade cristã – ser Igreja – começa em relações autênticas de compaixão e de solidariedade, mesmo que não carregue ainda o nome de cristã. É a Igreja desde Abel, a Igreja samaritana. Talvez deva navegar por muito tempo na fragilidade das relações do povo da periferia. Como na imagem física do universo, há muitos fractais e atratores eclesiais navegando sobre o caos social, no movimento de estruturação e decadência, mas liberando energias para estruturações mais ricas e mais complexas. Assim morrem formas de ser Igreja e nascem formas novas.

A Vida Consagrada é um espaço privilegiado para fazer estes exercícios de ser Igreja. Desde o célebre manifesto do Cardeal Martini, em 1999, se fortaleceu um processo por um Concílio Vaticano III, em que se retomem questões incompletas ou mal desenvolvidas do Vaticano II ou se insiram novas e candentes questões de hoje. Como, por exemplo, uma visão mais colegiada e sinodal do governo da Igreja, uma incul-

turação e um ecumenismo mais decididos, uma abertura maior dos ministérios, etc. Pode-se suspeitar que o movimento restauracionista, com tendência ao fundamentalismo e à rigidez, não vá tornar fácil a chegada a um novo Concílio. Mas a Vida Consagrada forma comunidades que podem antecipar e profetizar os valores e formas de vida que a Igreja necessita. Importante é que tenha uma firme e saudável raiz evangélica, liberdade de espírito, criatividade comunitária e muita solidariedade e sentido de pertença em duplo sentido: na relação à Igreja como Mãe e na disposição de ser Mãe para a Igreja. Afinal, Igreja é algo que se exercita, que se ensaia, que se cria, algo como criar filhos. No atual pluralismo, sempre que se criam laços de solidariedade e inclusão, ali nasce Igreja. O Espírito sopra sobre o caos, a Palavra dá forma e se faz carne, laços de eternidade no tempo, sentido amplo e concreto ao mesmo tempo da pertença, da fecundidade e da comunhão.

Endereço do autor:

Caixa Postal: 35

90001-970

Porto Alegre – RS

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Como abordar a questão da pertença em tempos de fluidez e complexidade, como acontece na nossa sociedade hoje?
- 2- Reflita sobre o conteúdo da afirmação – “A Igreja é nossa mãe e nós nos tornamos mães da Igreja” – e partilhe com sua comunidade as idéias e sentimentos que essa reflexão suscitou em você.
- 3- Como conseguir no seu contexto de Igreja e de Vida Religiosa uma transparência mais verdadeira e um sentido crítico-construtivo em relação com nossas instituições?
- 4- No seu contexto social e eclesial, como entender o sentido de uma “Igreja desde o justo Abel”?

Esperanças e questionamentos a partir do Congresso Internacional de Vida Religiosa

MARÍA DEL PILAR MARTÍNEZ, FJ

Introdução

Escrevo este artigo com o desejo de partilhar com os leitores e leitoras a minha experiência do Congresso Internacional de Vida Religiosa, que aconteceu em Roma de 23 a 27 de novembro de 2004. Escrevo cinco meses depois daquela data. Isso faz com que, junto ao vivenciado naqueles dias, se acrescente, inevitavelmente, a reflexão que ao longo desse tempo todo eu vim fazendo sobre o que vivi naqueles dias. Tentarei transmitir minha vivência do Congresso, aquilo que mais me fez pensar e me ficou como chamada, desejo e esperança, as inquietações e questionamentos que mais fundo me tocaram e que continuam a me interpelar.

De fato, como vocês já devem estar sabendo, o Congresso foi um acontecimento de extraordinária riqueza. Reuniu pessoas de todos os continentes e das diversas expressões da Vida Consagrada que hoje existem no mundo. Consegui ser um espaço privilegiado para a troca de esperanças, desejos, preocupações e sonhos, a partir de uma rica variedade de pensamentos e experiências da Vida Religiosa; um momento de verdade e de busca para os religiosos e religiosas que lá estavam reunidos.

Da perplexidade para a utopia do reino

No primeiro dia do Congresso o panorama desenhado foi bastante desalentador. Fiquei impressionada de que, independentemente da origem, da diversidade de línguas, culturas, raças e carismas, de que fossem homens ou mulheres os que tomavam a palavra, se falasse tanto em uma Vida Religiosa cansada, sem alento, sem vigor, sem horizonte, desencarnada, imersa na lógica de consumo do mercado, – meio morta se chegou a dizer – e, por isso mesmo, sem sentido, sem futuro, sem esperança, sem vida. Estávamos diante de uma visão da Vida Religiosa sem capacidade de profecia, invadida por todas as conseqüências negativas do neoliberalismo e da globalização.

A reflexão feita pelos grupos de trabalho, reunidos por continentes, sobre os fatores sociológicos que em cada continente condicionam a Vida Consagrada e sobre como influenciam nela, ajudou-me a iluminar a imagem de Vida Religiosa que tinha ficado desenhada. Dentro das características próprias de cada uma dessas grandes realidades continentais pude perceber umas constantes que, como grandes tentáculos, em graus diversos, penetram e invadem nossa vida. Poder-se-ia dizer que a Vida Religiosa a nível mundial, está tocada por males semelhantes.

A injusta distribuição dos bens da terra e a concentração da riqueza numa minoria capaz de produzi-la e controlá-la, levou ao empobrecimento da maior parte da humanidade, fez maior a distância entre ricos e pobres, e gerou uma cultura

ra de violência, discriminação e exclusão generalizadas. Em alguns povos, e em extensas áreas de qualquer país, podemos encontrar grupos humanos, grandes massas de gente, que convivem com situações reais de morte, confrontando e sofrendo todos os dias, a violência gerada pela carência extrema dos serviços básicos necessários para sobreviver, num mundo que dispõe dos meios para superar essas situações, mas carece de vontade para fazê-lo. A Vida Religiosa não é alheia a essa realidade, colabora na criação e manutenção dessa situação injusta, ao mesmo tempo que sofre suas conseqüências.

A partir dessa tomada de consciência da realidade mundial, foi-se sentindo na sala do Congresso o desejo, igualmente real e universalmente partilhado, de revitalizar na Vida Religiosa "a paixão por Cristo e a paixão pela humanidade". Aos poucos foi-se falando na missão, não como diversidade de trabalhos ou tarefas que cada família religiosa realiza, sobre isso nada foi falado, mas como conseqüência lógica do verdadeiro encontro com Deus e do seguimento radical de Jesus. Falou-se numa Vida Religiosa enviada por Deus ao mundo com uma missão profética clara, **ser testemunha de Jesus**. Como o vigia que no meio da noite grita a chegada do novo dia, a Vida Religiosa está chamada a gritar que o Reino de Deus está perto, que já está presente no meio da humanidade que sofre sua ausência.

Ausência do Reino, tanto nas situações de carência extrema do necessário para viver, por grande parte da humanidade, como na concentração exagerada

e egoísta de bens materiais por uns poucos. Ausência do Reino nas conseqüências que essa situação traz: as guerras declaradas ou não; a corrupção institucionalizada, os fundamentalismos e a exclusão por motivos de raça, cultura, sexo, etc. de grupos humanos diferentes; o deslocamento obrigatório e as grandes migrações para países mais ricos ou para as grandes cidades e, conseqüentemente, o abandono da terra, a perda das próprias raízes, a destruição progressiva dos valores culturais de cada povo, do sentido da transcendência e da relação com o Absoluto, a perda de credibilidade nas instituições tradicionais étnicas, civis, religiosas e eclesiais; a falta de ética das pessoas e organismos; a desintegração familiar com um grande leque de conseqüências preocupantes que tocam, principalmente, as crianças e adolescentes em processo de conseguir a estabilidade afetiva precisa para poder situar-se na vida com atitudes positivas e dinâmicas criadoras.

Nessa mesma realidade a Vida Religiosa descobre e anuncia a chegada do Reino já presente nos sinais de esperança que aparecem em toda parte ao longo do planeta. São pequenos sinais da presença do Espírito criador e pacificador, Senhor e dador de vida, no meio do caos e do desconcerto. Espírito de Deus que sopra onde quer e que se faz sentir como brisa suave sem deixar perceber de onde vem nem para onde vai, mas que é força que questiona, dinamiza, convoca e envia para cuidar e revitalizar o que vai surgindo de seu sopro. A Vida Religiosa sente-se convocada e enviada a colaborar, junto com todas aquelas pessoas e

instituições de boa vontade convocadas pela mesma força e comprometidas com esse mesmo objetivo, cuidar da vida onde o Espírito a anima.

O ícone da samaritana

O diálogo de Jesus com a samaritana, como foi apresentado pela teóloga Dolores Aleixandre, deixou uma pergunta no ar que, ao meu ver, ajudou a enfrentar a verdade com realismo. Dolores nos convidou a nos perguntarmos, com a mulher samaritana, quais são os “maridos” da Vida Religiosa, aquilo que está desviando o coração dos consagrados/as de seu único Senhor. Acredito que essas questões que ficaram formuladas no ambiente, foram ajudando a questionar-nos e a questionar a Vida Religiosa de hoje com transparência; a desvendar os obstáculos que a fazem sentir-se “especial” e impedem que ela possa se olhar como parte mínima da humanidade que assume e partilha, sem protagonismos, mas com decisão, as alegrias e tristezas, as esperanças e as angústias de seus contemporâneos, a partir da fé no seu Senhor.

A imagem dos “maridos” me ajudou a descobrir e dar nome aos obstáculos que encontramos no caminho para uma Vida Religiosa mais profética. Partindo da minha experiência, pude identificar e dar nome a alguns deles.

Identifico um deles no isolamento em que, em alguns contextos, tem-se situado a Vida Religiosa. Poder-se-ia dizer que a Vida Religiosa fez aliança com estruturas, normas, costumes... que a fecham nas estreitas barreiras criadas por ela mesma, e que a levam a procurar Deus lá onde ele não está, tirando dela a liber-

dade, fazendo que ela ignore seus contemporâneos, impedindo-a de desenvolver sua força dinamizadora do carisma recebido, para sair e dizer a seus “vizinhos” que encontrou, sentado junto ao poço, o Messias esperado. Sinto fortemente a chamada para que a Vida Religiosa elimine fronteiras internas, saia de esquemas individualistas e fechados, viva segura na sua própria identidade, colaborando assim com a construção do Reino, com aquilo que é o mais genuíno do próprio carisma. Sintonizo profundamente com a necessidade de estabelecer relações e de nos abrir à colaboração em todos os âmbitos onde fomos convidados, a partir de alguma das palestras do Congresso. Temos de nos acostumar à normalidade do inter-comunitário, inter-provincial, inter-congregacional para assim passar ao inter-religioso, internacional, inter-cultural, inter-...

Outro dos atuais “maridos” da VR que identifico é aquele da procura na eficácia em nosso trabalho. A Vida Religiosa, que por muitos anos trabalhou intensamente para ajudar os outros, a partir do Evangelho, com muita entrega e boa vontade, sofre em toda parte os desvios negativos do neoliberalismo na valorização que faz do ativismo, da eficácia, na procura ansiosa do sucesso, do resultado imediato, da recompensa, que dá valor às pessoas por aquilo que elas produzem, por aquilo com que colaboram com o sistema. Precisamos nos libertar da necessidade de ter boa imagem, de “fazer carreira”, de que sejamos adúlados, de consumir para aparecer. É preciso recuperar a visão crítica para descobrirmos e denunciarmos os contravalo-

res criados pela cultura globalizada que nos rodeia, e que apresenta um modo de entender a vida que exclui o fraco, o pobre, quem não produz, colocando no centro o poder e a riqueza. É certeza assumida que, como todo ser humano e pobre, e a partir de sua missão no mundo, o religioso e a religiosa têm que se comprometer com o trabalho sério e responsável, que responda à dimensão criativa que Deus assinalou ao esforço humano; que possibilite os meios para viver com austeridade numa sociedade de consumo, para partilhar com aqueles que tem menos e para responder às exigências da missão e às necessidades de sua família congregacional, com simplicidade e dignidade. Mas isso tudo não pode nos levar a nos identificar com a mentalidade neoliberal da oferta e da procura que o livre mercado impõe, com os valores de uma sociedade que vive para produzir e consumir.

Nesse mundo calculista e competitivo, a Vida Religiosa tem que descobrir a gratuidade do amor cristão, o valor dos pequenos gestos, da acolhida e o cuidado das coisas simples e do que não conta.

O individualismo foi outro dos "maridos" identificados, e uma de suas manifestações mais negativas, a falta de relações pessoais cálidas nas comunidades que são chamadas a ser, por elas mesmas, sinais visíveis dos valores do Reino.

O sentido de pertença e de missão, de convocação e de envio de nossa vocação, ficou comprometido pelo egocentrismo e o afã exagerado de auto-realização. Fala-se muito e se constroem teorias sobre o sentido da comunidade, mas na vida prática ela fica num segundo

plano e escondida diante do individualismo que reina. Parece-nos difícil sonhar, criar e partilhar projetos, trabalhar em equipe, perdoar e cuidar do fraco entre nós. Nossas comunidades perderam capacidade de diálogo, de abertura ao universal, de acolhida ao diferente. Enfraqueceram as relações humanas cálidas, a amizade, a simplicidade e a alegria sob o disfarce de um respeito distante e frio. Muito freqüentemente, como os discípulos, seguimos Jesus pelo caminho de Jerusalém nos perguntando quem é o mais importante, o primeiro, o quem tem mais poder, mais influências. A resposta de Jesus é muito clara, o primeiro, o principal no Reino é o menor, quem menos conta, quem mais serve.

Para que nossas comunidades tenham capacidade de criar comunhão, de integrar as diferenças, de dar valor ao que o Evangelho valora, temos que perder o medo de sermos contraculturais, de passar despercebidos, de nos sentir incômodos/as diante dos valores deste mundo. Para isso é preciso viver o radicalismo de seguir Jesus de perto, sabendo que Ele caminha à frente e sobe para Jerusalém para ser julgado, condenado e crucificado; lembrar que o discípulo não é mais que o Mestre e que não há maior amor que dar a vida por aquele que amamos. Como o cego no caminho, a Vida Religiosa precisa reconhecer com humildade sua cegueira e gritar para que seu Senhor abra seus olhos e possa compreender com o coração que na morte está a vida, e que na cruz está a esperança da ressurreição.

A Vida Religiosa, como toda vida cristã, está chamada a se identificar com o Senhor Jesus no mistério de sua passa-

gem da morte para a vida. Chamada a se libertar de todos os “maridos” que a acorrentam ao poço de água que não sacia sua sede. A Vida Religiosa tem hoje a oportunidade, a partir da perda de pres-tígio e de segurança que vive em algumas realidades e partindo de sua própria pobreza e fraqueza, de participar no mistério de morte e vida que a identifique com seu único Senhor e a faça sinal visível do amor de Deus que inclui e acolhe o que o mundo exclui e rejeita.

O ícone do samaritano

Acredito poder afirmar que a metáfora evangélica do Samaritano penetrou transversalmente todas as reflexões e os debates do Congresso. Projetou luz sobre questões hoje fundamentais para o testemunho e a profecia da VR na sociedade contemporânea onde se multiplicam de maneira tão alarmante que chega até a assustar, os caídos na beira da estrada. O Congresso partiu do fato de que a Vida Religiosa, independentemente de suas realidades geográficas, está chamada à periferia, a situar-se a partir dos mais despossuídos.

Foram reconhecidos os religiosos e as religiosas que, em qualquer época e circunstância, entregaram e continuam a entregar a vida pelos empobrecidos do mundo; junto com eles estão aqueles que continuam firmes nos lugares de risco, mesmo quando outros os abandonam e vão embora; tantos e tantas religiosas que doam suas vidas fielmente pela missão na rotina do seu viver. Foram partilhadas as respostas solidárias que a Vida Religiosa está dando à diversidade de circunstâncias e necessidades da sociedade atual: revisa-se a partir da OPP, o estilo

de vida e as estruturas econômicas; estão sendo dinamizadas e apoiadas decididamente a inserção no meio dos excluídos; participa-se ativamente em redes de solidariedade; contribui-se com a manutenção do dinamismo das microempresas e dos projetos solidários do povo; privilegia-se a proximidade e o acompanhamento dos imigrantes, deslocados e refugiados; está sendo priorizada a atenção aos últimos, às mulheres e às crianças em situação de risco, a presidiários e doentes de AIDS; trabalha-se pela presença da Vida Religiosa nos foruns mundiais alternativos e nos organismos de decisão (ONU, EU, etc.)

Ao mesmo tempo foi partilhada a necessidade de rever e questionar as posturas protagonistas, as atitudes de auto-suficiência e a ingenuidade dos falsos messianismos, em que a Vida Religiosa pode ter caído por falta de humildade evangélica, e continua sendo sentida a necessidade de superar a falta de liberdade e a lentidão para responder às grandes urgências que preocupam à humanidade. Existe a convicção e a forte esperança de que, na medida em que a Vida Religiosa vai sendo despojada de seus antigos “privilégios” e aceitando com gozo sua própria pobreza, irá perdendo o medo de investir onde o mundo acha que não é rentável.

Duas chamadas importantes

Uma chamada do Congresso, escutada em diversos momentos, e que julgo particularmente importante, foi de que a comunidade descubra a leitura orante da Palavra.

Foi dito que a Palavra nem sempre é conhecida como fonte de vida, que temos dificuldade para escutá-la e deixar que sua

força penetre em nós e questione nosso estilo de vida. A Palavra acolhida no coração de cada um, de cada uma e no grupo comunitário, é a que facilita o olhar crítico e a capacidade para descobrir o fundo de bondade que leva dentro de si cada ser humano, feito a imagem e semelhança de Deus, infinitamente amado por Ele, que nos faz pessoas compassivas, próximos da humanidade sofredora.

Outro chamado importante coloca em evidência a centralidade da Eucaristia na vida da Igreja. De fato, a Eucaristia, memorial da Páscoa de Jesus, eixo e centro da comunidade cristã, é fonte e sinal permanente de comunhão. Somos convocados e convidados constantemente a repetir o gesto de Jesus, a partilhar nossa vida como pão partido e vinho repartido, para perpetuarmos na terra o mistério do amor trinitário, introduzindo-nos na sua dinâmica de total doação ao outro. Sem Eucaristia, nossas comunidades, reunidas em nome de Jesus, perdem a força que lhes dá coesão e abre à comunhão universal com toda a humanidade, com toda a criação.

Olhando para o futuro

O Congresso confirmou que nem o número de membros, nem a realidade onde moramos, nem as obras ou o trabalho que executamos garantem a continuidade da Vida Religiosa. De uma análise social feita nesses termos e com esse parâmetros, pode-se deduzir a morte da Vida Religiosa. À luz do Evangelho é preciso pensar e projetar acreditando e confiando no Deus de Jesus que se manifesta nos limites e na fragilidade. Fizemos opção por um Deus trinitário que nos criou a sua imagem e

semelhança, e nos convoca a viver em comunhão e a sermos sinais de seu amor por nós, através de nosso amor para com os outros, única maneira de poder retribuir a Deus amor por amor. Isto nos coloca numa dinâmica de contínua conversão para seguirmos radicalmente a Jesus, vivermos fielmente o Evangelho, adequarmos a graça carismática dos fundadores e fundadoras ao momento atual, e nos dispor a entregarmos a vida para que outros a tenham, como a pequena semente que se deixa enterrar e morre para dar muito fruto.

A partir da minha experiência como Superiora Geral de uma Congregação presente em diversos contextos socioculturais do mundo, e sem pretensão alguma de querer dar a chave para a compreensão exata de tudo o que o Congresso representa para a Vida Religiosa nas atuais circunstâncias, desejo destacar algumas perspectivas de futuro para as quais, segundo a minha percepção, o Congresso chamou nossa atenção e que considero particularmente desafiadoras.

- Vida Religiosa testemunho orante e profético do Absoluto de Deus, num mundo onde se multiplicam os ídolos, e a fé vem sendo diluída e confundida.
- Vida Religiosa samaritana num mundo de maiorias excluídas.
- Vida Religiosa geradora e defensora da Vida.
- Vida Religiosa capaz de viver e anunciar o Reino na dispersão e na diáspora como minoria abraâmica.
- Vida Religiosa construtora de paz numa sociedade onde cresce a violência, inclusive a violência "em nome de Deus ou da religião".

- Vida Religiosa que aceita morrer para ressuscitar.

O Congresso foi encerrado em 27 de novembro e muitos sentimentos apareceram no coração enquanto deixávamos a sala e nos despedíamos uns dos outros, com a impressão profunda de termos procurado a luz que mantenha nossa esperança no futuro de Deus e ilumine os caminhos que precisemos andar em direção a Ele. Um texto de Isaías, que desejo partilhar com vocês, me veio ao coração e à memória:

“ Se você tirar de seu meio o jugo, o gesto que ameaça e a linguagem injuriosa. Se você der o seu pão ao faminto e matar a fome do oprimido. Então a sua luz brilha

rá nas trevas e a escuridão será para você como a claridade do meio-dia.

Javé será sempre o seu guia e lhe dará fartura até mesmo em terra deserta, ele fortalecerá seus ossos e você será como jardim irrigado, qual mina borbulhante onde nunca falta água”. (Is 9-11)

A autora é Superiora Geral da Congregação das Filhas de Jesus. Residiu durante dois anos nos Estados Unidos, estudando inglês. Em 1965 foi enviada como Missionária ao Japão, onde estudou japonês na Escola de Línguas e Psicologia na Universidade Sophia. Naquele País, trabalhou em várias obras da Congregação, foi Mestra de Novícias e Provincial. Em 1995 foi eleita Superiora Geral e reeleita em 2001.

Endereço da autora:
Via San Giovanni della Croce, 41
00166 – ROMA

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Como posso eu, como pode minha comunidade estarmos mais atentos para perceber os pequenos sinais da presença do Espírito no meio do caos e do desconcerto?
- 2- Que fazemos em nossa comunidade para reconhecer o que nos impede de avançar em direção a uma Vida Religiosa mais profética, e assim dar nome aos "maridos" que nos amarram ao poço cuja água não mata a sede?
- 3- Estamos dispostos a reconhecer em nossa atual debilidade a possibilidade de encontrar-nos de maneira nova mais próximos dos que sofrem a violência em tantas formas, dos pobres, dos que sofrem de doenças novas, dos desenraizados porque tiveram que deixar sua terra e seu ambiente?
- 4- Conseguiremos, a partir da nossa debilidade, ser testemunhas e profetas do Absoluto de Deus, num mundo onde se multiplicam os ídolos e a fé se dilui e se tergiversa?

Abrir caminhos de futuro

Propostas dos 15 grupos de trabalho do Congresso Internacional de Vida Religiosa. Roma, 2004

Subsídio para a reflexão das comunidades¹

O Congresso Internacional de Vida Religiosa, acontecido em Roma em novembro de 2005, foi um convite a ampliar horizontes e abrir caminhos de futuro.

No evento e nos textos dele emanados, duas mensagens se cruzam continuamente: é preciso converter os corações e mudar as estruturas. Não estamos mais no debate dos anos 1980: sabemos que as duas coisas devem ser feitas, mas também está mais claro que o Espírito é quem faz. Hoje as alternativas são, de um lado, a disposição a seguir andando ou a decisão de ficar parados. Está na hora da fé. Peçamos luz e força e prossigamos o caminho. Como Elias, temos ainda muito caminho para percorrer (cfr. 1Rs 1,9: VC 84 ss).

Chaves para entender a contribuição dos grupos

Quisemos discernir o que pode estar dizendo o Espírito, para onde quer nos levar e como podemos responder. O trabalho dos grupos do Congresso situa-se neste terceiro momento. Esse material tem limitações, mas nele bate forte a vida e a paixão de muitas pessoas, e nele pode estar soprando o Espírito. Apresentamos algumas reflexões que querem ajudar a dialogar, a aprofun-

dar, a contemplar. Estas páginas pedem a receptividade da chuva fina: podem ser lidas, meditadas, acolhidas sem pressa, degustadas, questionadas... Só assim poderão fazer o seu papel: – ser instrumento para que sigamos caminhando, sonhando, balbuciando o futuro.

Sonhando e balbuciando o futuro

Justiça e paz e o sofrimento da humanidade. (Grupo 1: 46 participantes, 28 nacionalidades, 43 congregações).

Os movimentos da população motivados pelas guerras, pela fome; o deslocamento e as migrações, estão mudando o mundo de uma maneira dramática. Como essa realidade repercute na vida consagrada? Como pode a vida consagrada responder a esse fenômeno tão trágico? O que exige de nossos ministérios esse processo de perda das próprias raízes? cfr. Documento de Trabalho (DT) 22.

Uma convicção

Há uma necessidade urgente: globalizar uma solidariedade compassiva e efetiva em todos os lugares onde vivemos e servimos. Para conseguir isso, é preciso iniciar uma

¹ Material oferecido pelo comitê organizador do Congresso e tomado da Revista **VIDA RELIGIOSA [MADRI]** (janeiro-fevereiro 2005). Caderno 1 / vol.98.

transformação estrutural em nosso estilo de vida e ministério.

Uma frase para ser pensada

“Enquanto tentamos promover os pobres, não fizemos muito por evangelizar os ricos”.

Um perguntas que devem ser feitas

A formação em nossas famílias, está orientada para o compromisso real com a causa do Reino ou visa mais a manutenção das instituições?

Como fazer realidade essa idéia de que não somos a voz dos pobres, mas aqueles que devemos colaborar com nossas vozes, para que a deles possa ser escutada? Pode ser dado em nossa comunidade algum passo neste sentido?

Inculturação/encarnação da vida consagrada no mundo multicultural. (Grupo 2: 105 participantes, 40 nacionalidades, 90 congregações).

Um mundo culturalmente plural questiona a maneira como a vida consagrada se compromete com ele. Como pode a vida consagrada sair de uma mentalidade de autoproteção ou de gueto e se abrir às novas oportunidades que vão se apresentando, principalmente nesses lugares onde as culturas e as religiões vivem a violência e a tensão? (cfr. DT 95).

Algumas convicções

Acreditamos que a sabedoria de Deus quis ser manifestada em diversas pessoas e em culturas diferentes. Sentimos a necessidade de fazer do diálogo nosso caminho de vida, pois o diálogo com as culturas faz parte do mais legítimo da missão da vida

consagrada. A chave está na nossa confiança no Espírito Santo, e não na força de nossas instituições.

Para pensar

Nenhuma cultura é de valor absoluto. A boa semente coexiste com os contravalores. Por isso é tão importante discernir as culturas. Só o amor tem um valor universal.

“A Igreja anda muito devagar no reconhecimento da necessidade de uma mudança cultural mais profunda”.

O peso da cultura dominante, frequentemente, é muito grande em várias congregações. A formação intercultural deve ser cuidada sistematicamente e não apenas de vez em quando.

Para nos questionar

O que pode ser feito para ajudar às atuais gerações a descobrir a riqueza do simbolismo litúrgico católico?

As nossas estruturas e ministérios, estão em harmonia com nosso carisma ou foram se aderindo neles traços culturais que os prejudicam?

Diálogo inter-religioso. (Grupo 3: 24 participantes, 16 nacionalidades, 24 congregações).

Qual o papel e a responsabilidade dos religiosos e religiosas no campo do diálogo inter-religioso? Quais as iniciativas que deveriam ser tomadas para que nossa missão seja vivida em consonância com um diálogo autêntico? (cfr. DT 108).

Algumas convicções

O diálogo tem sido o caminho escolhido por Deus Trindade para se aproximar de

nós (cfr. Fl 2,6). Faz parte de nosso ser cristão. Tem de chegar a ser uma convicção, uma opção, uma maneira de viver em nossas comunidades, chamadas a ser lugar de diálogo, perdão e reconciliação.

Para pensar

"A Boa Nova já foi semeada por Deus no coração do mundo. A tarefa missionária consiste em desvelar essas sementes do Verbo (cfr. Mc 4,1-9)".

"O diálogo inter-religioso não está circunscrito apenas a algumas áreas geográficas, mas é importante em qualquer parte. Não haverá paz no mundo sem paz nas religiões".

Para passar à ação

"O diálogo convida à conversão e à transformação de nossas mentalidades para reconhecer a obra de Deus no outro". Até que ponto reconheço hoje essa obra de Deus em pessoas com outro credo, mentalidade, visão de vida? Pense num desses grupos e veja como pode mudar sua atitude nos próximos meses e fazer algum gesto que expresse essa mudança.

O que posso fazer até o final do ano para que o diálogo faça parte das minhas opções de formação permanente?

As artes: criando uma imagem e expressando um canto novo. (Grupo 4: 8 participantes, 7 nacionalidades, 8 congregações).

Como pode a vida consagrada utilizar a arte – a música, a dança, a pintura, a literatura, a poesia, o teatro – para criar novas expressões de sua imagem e missão? (cfr. DT 84).

Algumas convicções

A comunicação da beleza, onde Deus se revela, ajuda a criar um mundo novo, levando vida e alegria lá onde reina a violência e a morte. Na harmonia e simplicidade da beleza encontramos o mesmo ser de Deus. Neste mundo, tão ferido pela violência, a beleza e a arte são ícones de esperança para todos.

Uma pergunta

Como criar novas linguagens que nos permitam aproximar Deus dos homens e mulheres de hoje?

Alguns passos

Quais as medidas que podem ser tomadas no nosso contexto para que aqueles que têm dons artísticos possam cultivar sua riqueza e partilhá-la?

Pense em duas medidas-opções que ajudariam a embelezar os espaços comuns que partilhamos com as pessoas.

Meios de comunicação social e transmissão de valores. (Grupo 5: 23 participantes, 12 nacionalidades, 21 congregações).

Os meios de comunicação perpetuam e reforçam imagens e estereótipos da vida consagrada que nasceram numa determinada cultura que não existe mais. Que passos devem ser dados para transmitir na sua integridade os valores da vida consagrada e o desejo de que se expressem com integridade no coração do mundo? (cfr. DT 105).

Uma convicção

A grande dificuldade neste terreno está na mútua demonização: a Igreja e os meios de comunicação desconfiamos uns dos outros. Mas se quisermos nos

comunicar, de verdade, com nossos contemporâneos, devemos mudar de mentalidade; estar dispostos a assumir os riscos que traz o mundo da mídia. É preciso decisão para executar iniciativas originais, capazes de provocar interesse, dedicando tempo, dinheiro e pessoas.

Para pensar

“Nosso principal desafio” é nos mostrar tal como somos, com vitórias e fraquezas, acertos e erros, numa linguagem que possa ser compreendida pelas pessoas de hoje. Utilizamos realmente uma linguagem capaz de atingir as pessoas que vivem em nosso meio? (Não devemos dar isso como certo!!)

Jesus conseguia ser compreendido, chegar no coração do outro, tocar nele. O que caracterizava sua maneira de comunicar? O que podemos aprender d’Ele neste campo?

Para passar à ação

O texto constata que em nossas congregações existe medo à tecnologia e faltam os conhecimentos suficientes para que possa ser utilizada com criatividade. Que pode ser feito neste sentido? Muitos religiosos têm uma fonte só de informação, ou então fontes muito parecidas que por suas características particulares dificultam uma aproximação mais rica das questões. Qual a minha / a nossa situação sobre este tema? Que posso fazer?

A voz das mulheres quase não é escutada em muitos espaços, inclusive eclesiais. Como podemos ajudar para mudar essa situação? Pense duas medidas concretas.

Os religiosos podemos (e devemos) ajudar a diminuir as diferenças entre quem tem poder e quem carece dele. Pense em

algum caso que aconteça no seu meio e numa ação que poderia ser implementada neste sentido.

Libertando o profético: solidariedade num mundo de excluídos. (Grupo 6: 78 participantes, 35 nacionalidades, 64 congregações).

Como são identificados e animados nas congregações religiosas os movimentos e as pessoas proféticas? Como podem as pessoas que receberam a liderança dos grupos favorecer esse crescimento? Que dificuldades devem ser superadas? (cfr. DT 26).

Uma convicção

“A opção preferencial pelos pobres, de quem é o Reino de Deus, é fundamental na vida consagrada. Os pobres nos evangelizam e nos ajudam a descobrir o rosto de Deus e a renovar nossas comunidades. A proximidade aos grupos considerados “desnecessários” pela sociedade, é uma urgência para nós”. Mas isso tudo apenas poderá ser vivido se mostrar em nossas vidas o primado da palavra de Deus, lida e partilhada numa nova escuta do Espírito e com os pobres.

Para pensar

“As estruturas e modos de autoridade em nossas congregações são, frequentemente, rígidos e não correspondem às exigências, situações e desafios de nossa época e cultura. São de uma outra época”.

Para nos examinar

É levantada a questão de que há “elementos provocadores na Palavra de Deus que perdemos de vista”. Que elementos seriam esses? Quais deveriam ser recupera-

dos de forma mais urgente por você ou por sua comunidade?

São mencionados também uma série de medos que dificultam a vivência profética: medo de se confrontar com o novo e com o diferente, medo de perder o poder, medo da insegurança, medo do conflito com a hierarquia. Quais seus medos? Como podem ser enfrentados?

Passando à ação

"A atenção aos últimos, dentro ou fora das comunidades, é uma prioridade para a vida consagrada". Hoje, como se manifesta isso na sua vida? Por onde deveria começar a se manifestar?

A declaração propõe "revisar, a partir da opção pelos pobres, nosso estilo de vida, obras e estruturas econômicas" tomando "algumas decisões significativas nesse sentido" e "impulsionando a simplificação das estruturas pastorais". Há alguma coisa que já possa ser feita na sua comunidade?

Libertando o profético: celibato e relações humanas que dão vida. (Grupo 7: 30 participantes, 21 nacionalidades, 27 congregações).

Como repercutiu a revolução sexual nas relações dentro da vida consagrada? O que fazer para que o celibato seja reconhecido em nosso mundo como uma esperança para a humanidade? (cfr. DT 39).

Algumas convicções

Religiosos e religiosas escolhemos livremente a vida celibatária, e vemos nela um caminho que nos ajuda a viver nossa sexualidade de forma saudável e equilibrada. Somos conscientes de que precisa-

mos renovar, cada dia, esse compromisso da vida em castidade.

Para pensar

Os outros, e nós mesmos, entendemos melhor nossa virgindade quando vivida como compromisso adquirido pela causa do Reino de Deus.

Para ir além

O resumo oferecido por este grupo não satisfaz a muitas pessoas que participaram dele. Como responderia você às perguntas que foram colocadas no início da reflexão? De que maneira a revolução sexual repercutiu nas relações dentro da vida consagrada? O que fazer para que o celibato seja reconhecido em nosso mundo como uma esperança para a humanidade?

Arando a terra da Sagrada Escritura. (Grupo 8: 29 participantes, 19 nacionalidades, 28 congregações).

A Palavra de Deus está viva e ativa. Que imagens bíblicas, narrações e temas bíblicos podem regenerar a vida consagrada, projetar nova luz e despertar um novo entusiasmo sobre seu lugar na igreja e no mundo? (cfr. DT 79).

Uma convicção

Nos religiosos e religiosas de hoje, há sede da Palavra de Deus, vivida em nossos dias como o coração da vida espiritual e da missão apostólica. A Palavra chegou às pessoas consagradas como texto escrito, mas nem sempre como palavra de vida. Nossa resistência a confrontar de verdade com Ela nossas maneiras de viver, e uma formação bíblica deficiente, favorecem que muitos religiosos/as continuem numa es-

piritualidade de devoções, vinculada apenas a práticas de piedade.

Para pensar e dialogar

"A incapacidade de escutar a Palavra de Deus na história de nossos povos e em nossas próprias vidas, nos impede o encontro de verdade com Deus na Palavra escrita".

Para continuar caminhando

O que fazer para que a Bíblia seja de verdade nossa companheira diária na caminhada?

O texto convida a praticar comunitariamente algum tipo de *lectio divina* como caminho para transformar nosso estilo de vida e de exercício ministerial.

Que passos, concretamente, posso dar com a minha comunidade para fazer da Eucaristia diária o lugar privilegiado de escuta da Palavra de Deus?

A sede de Deus e a busca de sentido. *(Grupo 9: 85 participantes, 36 nacionalidades; 79 congregações).*

A vida consagrada procura sentido num mundo que também o procura. Como a nossa oração e nossa espiritualidade podem comprometer-se nesta busca e responder à sede de sentido? Como tudo isso é expressado em nossas vidas? Como fazer para que a vida consagrada seja um laboratório de espiritualidade, um espaço para que o Espírito cresça em nós e sejamos habitados pelo Espírito? (cfr. DT 43).

Algumas convicções

Para que Deus possa ser compreendido por muitos de nossos contemporâneos, precisamos expressá-lo com palavras novas, enraizadas na Tradição, mas inter-

pretadas no presente. Deus se serve de nossa pobreza para levar adiante grandes obras. A vida comunitária tem um papel chave na hora de facilitar ou não a experiência de Deus: nela nos encontramos com Ele e com os outros.

Para nos examinar

No texto são apresentados alguns obstáculos que dificultam o encontro com Deus:

Até onde eu quero um Deus na minha medida, que dê respostas simples e rápidas às minhas necessidade e pedidos?

Aceitamos os momentos difíceis (ou de "noite") como espaços onde também Deus se faz presente?

Nossos diálogos são profundos ou superficiais?

Para passar à ação

Freqüentar a direção e acompanhamento espiritual durante a vida toda, e não apenas nos primeiros anos do processo formativo.

Apostar por um tipo de casas e estruturas que permitam a proximidade com as pessoas, e onde possamos ser formados e transformados por elas.

O que pode ser feito para facilitar que nossas comunidades sejam verdadeiramente lugares onde possamos procurar juntos a vontade de Deus a partir da leitura dos acontecimentos e dos sinais dos tempos?

Formação contínua para a conversão pessoal e a transformação comunitária. *(Grupo 10: 96 participantes, 38 nacionalidades, 93 congregações).*

Como repercutem na formação inicial e contínua essas perspectivas de conversão pessoal e transformação comunitária? Que

mudanças precisam ser feitas no processo de formação? (cfr. DT 115).

Algumas convicções

O processo formativo é um caminho de fé e, por isso, nunca acaba. A formação contínua é autêntica apenas quando tem expressões quotidianas. É urgente abandonar radicalmente essa idéia de formação contínua como algo extraordinário, ligado só a alguns momentos, a algumas pessoas, a determinadas áreas da personalidade. A formação permanente tem como conteúdo fundamental o mistério pascal, incide na qualidade da vida e do testemunho, é a alma da renovação e da animação vocacional. Se nossa vida não é formação permanente acaba sendo frustração permanente.

Para tomar o pulso

O texto constata que é possível notar certo narcisismo nos jovens, rigidez e pouca compreensão em alguns idosos e um enfraquecimento do entusiasmo e da entrega nas pessoas de média idade. O que você acha disso, na sua idade, na sua situação pessoal? O que precisa fazer para começar a caminhar de verdade?

Já abandonou aquela idéia letal sobre a formação, que a relaciona apenas a alguns anos, a alguns temas, a determinadas datas do calendário? Você é consciente que essa idéia mata o seguimento e envenena a vida consagrada?

Para pensar

“Não há continuidade entre formação inicial e formação permanente”.

“Frequentemente não somos formados na convicção de que a formação deve continu-

ar, nem somos capacitados para apreender da vida, de cada realidade, de cada pessoa, dos pequenos, dos simples, dos pobres”.

Cultura congregacional. (*Grupo 11: 49 participantes, 23 nacionalidades, 49 congregações*).

A cultura da Congregação pode ser um obstáculo para se abrir ao futuro. Que aspectos desta cultura impedem as respostas criativas que as necessidades de nosso tempo exigem? Que aspectos continuam gerando vida? Qual o papel que deve ter a colaboração intercongregacional na criação de um futuro indispensável à vida consagrada? (cfr. DT 112).

Algumas convicções

As comunidades assumem cada vez mais a diversidade cultural, crescendo assim no respeito pelas diferentes culturas, gerações e maneiras de pensar. Muitas vezes, inconscientemente, um determinado estilo, uns costumes, uma maneira de entender a vida (*uma cultura*), vai se impondo como hegemônica nas congregações, chegando a se apresentar como única. Exagerando, pode chegar a acontecer que todos tenhamos que virar holandeses, australianos ou espanhóis para viver um determinado carisma.

Para nos questionar

As estruturas não são neutras. Facilitam ou dificultam determinadas opções. Que mudanças devemos fazer para crescer em comunhão, em participação e solidariedade?

Quanto maior o número dos membros das congregações a participar nas transformações e no discernimento, melhor. Alguma coisa deveria ser corrigida, neste sentido, no meu instituto?

Para passar à ação

Propõe-se intensificar “de todas as formas possíveis” a colaboração entre congregações. A nossa, está pronta para isso? Como poderia se preparar melhor? Selecione com seus irmãos-irmãs dois passos concretos que poderiam ser dados neste sentido.

É nossa congregação homogênea demais? Os diferentes grupos culturais, de idade ou origem, têm espaço para poder se expressar e enriquecer os outros, respeitando suas particularidades? E nossa comunidade? Às vezes as coisas não são tão evidentes como parecem ser!

A comunhão como missão. (Grupo 12: 82 participantes, 38 nacionalidades, 80 congregações).

A missão da vida consagrada nos chama a mudar nosso modo de viver em comunidade. Que valores deveriam ser os prioritários? Que estruturas deveriam ser criadas para fortalecer o sentido de pertença e o testemunho profético da congregação? Como são recolhidas na comunidade as novas experiências com os pobres, os imigrantes e os marginalizados, para que possa acontecer a transformação a nível congregacional? (cfr. DT 98).

Algumas convicções

Viver a comunhão é já missão da vida consagrada. Queremos conseguir uma vida comunitária mais acolhedora e significativa, visível em grupos humanos abertos e acolhedores. O ritmo da vida atual dificulta em muitos países o fortalecimento dos laços fraternos, as diferenças culturais, ideológicas, generacionais, reforçam às vezes essa dificuldade. Porém, especialmente entre os jovens, mas não apenas neles, cons-

tata-se um forte desejo de vida comunitária de autênticas relações; um desejo intenso de que possamos partilhar a fé com mais profundidade. Aparece assim o mais essencial de nossa vida: que sejamos homens e mulheres de fé.

Para pensar

As estruturas de governo de algumas congregações respondem a outros momentos de sua história, e hoje são mais fonte de complicações e dificuldades do que mediações da vida. Pode esta afirmação ser aplicada a sua comunidade, a alguma estrutura em particular? Que poderia ser feito?

A Palavra de Deus é a constante que ilumina a vida consagrada. Descobrir juntos seu significado é vital para os religiosos e religiosas. De que maneira isso é feito na sua comunidade? Como poderia ser melhorado?

Quatro desafios

Muitas pessoas consagradas não partilham mais suas principais tarefas com seus irmãos-irmãs de comunidade. Alguns meios modernos (internet, televisão, telefonia celular) podem nos isolar e prejudicar a relação comunitária. Somos conscientes desses desafios? Temos feito alguma coisa para compensar seus possíveis efeitos negativos?

Precisamos crescer em transparência e informação entre nós? Sobre que temas? Que medidas podem ser tomadas?

“Cada comunidade deveria dialogar sobre os ministérios que devem ser abandonados para que a vida nova possa florescer em outros”. Estamos fazendo isso? Como poderia ser melhorado?

A vivência da reconciliação nas comu-

nidades locais é um sinal de grande eloquência no mundo de hoje. Vive a minha comunidade a reconciliação? Como é pedido o perdão? Como é oferecido? Podemos crescer mais nesse sentido?

Corresponsabilidade com os leigos. (Grupo 13: 33 participantes, 19 nacionalidades, 32 congregações).

Que tipo de colaboração entre as pessoas consagradas e os leigos permitiria uma resposta melhor aos desafios contemporâneos e à promoção da vida da Igreja e do mundo? (cfr. DT 111).

Para pensar

O Espírito nos convida a viver com audácia e confiança uma nova etapa na Igreja e na sociedade. Cada vez são mais os cristãos que crêem encontrar a vida espiritual que desejam em nossas tradições carismáticas, querem viver sua vocação batismal à luz das intuições evangélicas de nossos fundadores e fundadoras.

Para nos examinar

Estamos abertos de verdade a que outras pessoas de fé nos ajudem a redescobrir nossos fundadores e fundadoras? Estamos nos sentindo 'administradores' dos carismas que recebemos ou seus 'proprietários'? Tememos que a interpelação dos leigos nos sacuda e nos exija mudanças e conversão?

Para caminhar

Estamos questionando este tema "por" os leigos, ou "com" eles? Respeitamos de verdade sua autonomia, ou desejamos que sejam "a nossa imagem e semelhança"?

Este caminho deve estar fundamentado em sólidas bases teológicas e eclesiológicas.

Contamos com elas na minha comunidade? Que podemos fazer para aprofundar nessas bases?

Liderança e autoridade. (Grupo 14: 68 participantes, 31 nacionalidades, 66 congregações).

O modo de compreender a liderança e a autoridade está evoluindo na vida consagrada. Que tipo de liderança precisam a vida consagrada e a Igreja para libertar todo o potencial das pessoas e encarnar a missão de Jesus? Digam as mudanças que precisariam ser feitas no estilo de liderança para atingir esse objetivo (cfr. DT 111).

Para começar

As pessoas que receberam a tarefa de animação e governo têm um papel fundamental nas congregações religiosas. Todos temos muito para contribuir, mas um estilo ou outro de autoridade influencia muito na vida, ritmos, ilusões, opções de um grupo. Na vida religiosa, as estruturas são meios, suportes transitórios a serviço da vitalidade do grupo. Por esse motivo, mesmo sendo consistentes, devem ser fáceis de mudar. Hoje é esperado das pessoas 'de governo' que sejam mais animadoras que administradoras. Tudo o que favoreça o diálogo, a participação e a proximidade favorece a todos e enriquece a missão do instituto.

Para aprofundar

Vários grupos destacaram – como este – como é difícil que as mulheres sejam reconhecidas em muitas sociedades, e nas comunidades cristãs, o lugar que lhes corresponde e que Deus lhes deu. Somos cientes da gravidade deste fato? Como apa-

rece essa consciência em nossa vida pessoal e de grupo? Que passos concretos temos dado nos últimos anos para responder a essa situação?

Para passar à ação

Numa comunidade é essencial que a informação seja partilhada, e que todos os irmãos e irmãs tenham acesso a ela. Acontece assim entre nós? Há alguma falha que deveria ser corrigida? A informação nos interessa? Evitamos a informação porque pode exigir tomadas de decisão? Gostaríamos de mais informação? Para que? Algumas atitudes são imprescindíveis quando pensamos na mudança de estruturas (criatividade, consciência da provisionalidade, flexibilidade de critério...). Qual delas deve ser cultivada em nossa comunidade (local, provincial)? Pensamos em alguma coisa concreta sobre este tema?

Conhecemos alguma congregação ou comunidade que não possa levar adiante seus projetos apostólicos por falta de pessoas ou de recursos financeiros? Podemos fazer alguma coisa para ajudá-los?

Dimensão eclesial da vida consagrada. (Grupo 15: 23 participantes, 14 nacionalidades, 21 congregações).

Quais são as condições necessárias para que as comunidades religiosas e a autoridade da Igreja alimentem e promovam a dimensão profética, tão essencial para a vida consagrada nestes tempos? (cfr. DT 53).

Algumas convicções

A vida consagrada, parte essencial da Igreja, quer viver a espiritualidade de comunhão em todos os níveis, e concretizá-

la em projetos comuns com os sacerdotes e os leigos. Precisamos purificar a tensão que existe entre o que pode significar a isenção e a inserção nas Igrejas locais. Muitas vezes a desconfiança nasce do desconhecimento. Queremos viver nossa paixão por Cristo e pela humanidade numa Igreja de comunhão, missionária, profética.

Para pensar

A Igreja nos pede que sejamos 'peritos em comunhão'. Mas isto só será possível vivendo intensamente a vida fraterna em nossas comunidades.

Podemos até estar utilizando as mesmas palavras, mas elas não recebem o mesmo significado. O que queremos dizer ao falar em comunhão, colaboração, pastoral de conjunto...?

Para passar à ação

Neste campo são muito importantes as estruturas de diálogo. Em nosso caso, elas existem a nível local, a nível diocesano? São válidas? Estamos comprometidos com elas? Podem ser melhoradas?

Destaca-se a importância de harmonizar os projetos das congregações com os planos pastorais das Igrejas locais "gerando gestos concretos de comunhão". Poderíamos escolher um para os próximos meses? Qual?

O conhecimento facilita o respeito e a harmonia. O texto insinua que também pode ser de grande ajuda partilhar espaços de formação. Estamos acostumados a nos encontrar e a nos formar juntos religiosos/as, leigos, presbíteros seculares? Pode ser dado algum passo neste sentido? Quando? Como?

A Consciência Moral em Bernhard Häring

LUCIANO GOMES DOS SANTOS

Introdução

A Teologia moral é de fundamental importância para a vida cristã. Ela orienta a prática e a vivência dos cristãos no âmbito eclesial e social. Por seu caráter, a Teologia Moral não é estática, é dinâmica por sua própria natureza. O seu papel a conduz na busca de respostas válidas e honestas aos problemas que trazem sofrimentos para a vida do homem. No momento atual, a importância da Teologia Moral no mundo (secularizado e pluralista) e na Igreja, consiste em traduzir a fé cristã em ação moral. Na essência, "ela é antes um viver que se faz pela reflexão"¹. Ela procura resgatar a dignidade da pessoa, isto é, coloca a pessoa no centro de sua reflexão à luz da Revelação, procurando entender-lhe o comportamento e, ao mesmo tempo, apontando caminhos para o agir correto em vista do bem e de sua felicidade.

É válida a visão de Häring a respeito da Teologia Moral para a nossa sociedade atual e para o cenário de Igreja que estamos vivendo. Para ele "a teologia moral não se ocupa primeiramente com a tomada de decisões ou com os atos separadamente. Sua tarefa e sua finalidade básicas consistem em conseguir uma visão correta, em abrir as principais pers-

pectivas, e em apresentar as verdades e os valores que possam influir nas decisões a serem assumidas diante de Deus"². A Teologia Moral deve apontar as verdades e os valores para o homem atual e para a vida eclesial, visando a sua realização e a sua felicidade. Assim, o presente artigo é fruto da preocupação com a explicitação do discurso e da prática da Teologia Moral Católica aos fiéis e a todas as pessoas que no âmago de suas vidas fazem a experiência de ser povo de Deus, que procuram viver conforme a luz do Evangelho o comportamento moral, baseado em uma consciência livre e fiel a Cristo, vivenciada por meio da liberdade e da criatividade.

O tema escolhido para este artigo é a consciência moral conforme a reflexão moral de Bernhard Häring. A consciência moral é um dos temas centrais da Teologia Moral. Ela é fundamental para a formulação dos juízos morais, para a tomada de decisões, para o cultivo e a vivência dos valores. É através dela que se manifesta a vontade de Deus e por meio dela a pessoa é interpelada em seu íntimo a seguir Cristo. Para a pastoral da Igreja, a consciência moral revela a dignidade da pessoa e ao mesmo tempo, a sua identidade cristã, fundamentada na Encarnação

¹ DEMMER, Klaus. *Introdução à Teologia Moral*. SP: Edições Loyola, 1999, p. 12.

² Bernhard Häring. *Livres e Fiéis em Cristo - Volume I - Teologia Moral Geral*. SP: Edições Paulinas, 1979, p. 13.

do Verbo Divino, e chamada a viver na liberdade e na fidelidade a Cristo, assumindo a responsabilidade em profunda solidariedade com a humanidade.

Entre tantos teólogos e autores que abordaram o tema da consciência moral, optou-se por Bernhard Häring. Ele foi o paradigma da renovação da Teologia Moral Católica na segunda metade do século XX. A sua atuação foi de suma importância: antes, durante e depois do Concílio Vaticano II no trabalho de renovação teológico-moral. Durante o Concílio, Häring teve papel influente na redação do parágrafo do Decreto Optatum Totius n. 16, no qual o Concílio opta pela Renovação da Teologia Moral. Também ficou evidente a sua colaboração na redação do n. 16 da Constituição Pastoral Gaudium et Spes, na qual se trata da consciência moral. Ele conseguiu desvelar a consciência moral de todas as manipulações, principalmente religiosas. Foi um dos únicos teólogos que trabalhou de forma profunda e corajosa o tema da consciência moral, ajudando a moral cristã a trabalhar a formação de uma consciência sadia, fundamentada na lei do amor e da graça, na dinâmica da responsabilidade e não da obediência cega às normas e leis morais.

Para a confecção deste artigo foi escolhida a obra pós-conciliar e fundamental de Häring: "Livres e Fiéis em Cristo" (1978-1981). Esta obra foi elaborada conforme as exigências do Concílio em resposta à situação da cultura atual em detrimento aos novos desafios para a moral cristã. Esta obra consolida o itinerário intelectual de Häring, pois demonstra a sua preocupação madura e responsável,

em oferecer uma moral cristã capaz de ajudar o povo de Deus a fazer a experiência do seguimento a Cristo.

A concepção de consciência moral em "Livres e Fiéis em Cristo".

Häring fundamenta a sua reflexão e a sua compreensão a respeito da consciência moral a partir da exposição realizada pelo Concílio Vaticano II, de modo específico, na Constituição Gaudium et Spes, n° 16:

"Na intimidade de sua consciência, a pessoa humana descobre uma lei que não impõe em si mesma mas à qual se vê levada a obedecer. Chamando-o sempre a amar o bem e a evitar o mal, a voz da consciência pode, quando necessário, falar ao coração mais especificamente: faça isto, evita aquilo. Isto porque o homem tem em seu coração uma lei escrita por Deus. Obedecer a ela, constitui a verdadeira dignidade da pessoa, que será julgada de acordo com a lei (cf. Rm 2,15-16). A consciência é o núcleo mais secreto e o santuário da pessoa. Aí ela está sozinha com Deus, cuja voz ecoa em suas profundezas. A consciência revela, de modo admirável, aquela lei que se cumpre pelo amor a Deus e ao próximo (cf. Mt 22,37-40; Gl 5,14). Pela fidelidade à consciência, os cristãos se unem aos outros homens na busca da verdade e na solução adequada dos numerosos problemas que surgem na vida dos indivíduos, em decorrência do relaci-

ornamento social. Por isso, quanto mais prevalecer uma consciência correta, tanto mais as pessoas e os grupos afastar-se-ão de uma escolha cega e esforçar-se-ão para serem guiados por normas objetivas de moralidade”.

Häring exerceu grande influência antes, durante e depois do Concílio Vaticano II. O texto da *Gaudium et Spes* foi redigido por ele como secretário desta Constituição. De modo singular, ele imprimiu uma nova compreensão a respeito da consciência, baseando-se nos conceitos de liberdade e de fidelidade. A partir de sua intuição e percepção teológica, definiu a consciência como o santuário da fidelidade e da liberdade criativa.

Os conceitos de fidelidade e de liberdade criativa tornaram-se os novos parâmetros para compreensão da consciência após o Concílio. Falar de fidelidade e de liberdade é automaticamente falar de seguimento, ou seja, de discipulado. Häring destacou que o conceito de consciência está associado profundamente à idéia do seguimento de Cristo. A partir da reflexão de Häring na ótica do texto da *Gaudium et Spes*, nº 16, pode-se buscar a compreensão da consciência explicitada na obra “*Livres e Fiéis em Cristo*”.

1. Consciência e discipulado

O tema da consciência e do discipulado está intimamente ligado. Estes dois aspectos complementam-se mutuamente. A consciência não é algo indiferente à realidade

em que se vive, mas é chamada a interagir junto aos outros. Assim, pode-se compreender a raiz etimológica da palavra consciência. A sua origem é proveniente do latim: *cum* (juntos) e *scientia*, *scire* (conhecer). Portanto, consciência quer dizer *conhecer juntos*.

Häring define de início que “a consciência é a faculdade moral da pessoa, o núcleo íntimo e o santuário em que ela se conhece, pelo confronto com Deus e com seus semelhantes”³.

A consciência como faculdade moral se conhece à medida que é capaz de se confrontar com a verdade de Deus e das pessoas que estão a seu lado, ou que cruzem o caminho de sua existência. É na intimidade da consciência como santuário que se dará reflexivamente este confronto. Mas isto não se dá somente no nível interno da consciência, mas é preciso colocar-se na dinâmica do encontro, ou seja, temos que sair do mundo pessoal e ir ao encontro de Deus e dos outros que falam à nossa consciência. Portanto, o ponto essencial é a busca recíproca do auto-conhecer juntos, na finalidade de serem livres uns para com os outros⁴.

É no íntimo de nossa consciência que se dá a interpelação do *Verbo*, pois fomos criados pelo seu amor (Jo 1,3). Somos convidados a permanecer com ele, pois esta é a finalidade da nossa existência, ou seja, estar juntos ao Senhor da nossa vida. Nesta ótica, a nossa consciência é vivificada pelo *Verbo*, sendo fortalecida, iluminada e santificada pela força do Espírito Santo, que nos convida ao discipulado.

³ LFC, I - 208-209.

⁴ *Ibid.*, 209.

A consciência nos faz ver e sentir como o nosso verdadeiro “eu” está unido intimamente a Cristo. Fazemos a experiência de ouvir no núcleo secreto de nossa consciência o nosso nome que é chamado pelo Cristo. E, por isso, a sensibilidade e a sinceridade da consciência crescem à luz do Mestre divino no que nos ensina não apenas do exterior, mas também no interior de nós mesmos, mandando-nos o Espírito da verdade.

A consciência como faculdade moral possui uma voz interna e própria, mas esta palavra que é ouvida no nosso íntimo provém da palavra do Verbo de Deus que criou todas as coisas visíveis e invisíveis e encarnou-se para permanecer em nossa humanidade. A voz interior da consciência é fundamental para se ouvir e captar a fala do Verbo que nos convida a escutá-lo com a totalidade do nosso ser. Portanto, em seu núcleo, a consciência recebe de Cristo a sua verdade, tornando-se assim Verdade e Luz para a nossa consciência, na dinâmica do discipulado.

Häring, dentro desta visão, explicita a razão de compreender a consciência na ótica do discipulado. A consciência amadurece à medida que se abre à experiência do estar com e junto a Cristo, respondendo o seu chamado. Cristo é para a consciência a verdade necessária e a luz essencial para o seu crescimento pessoal e interpessoal, na busca da verdade comum.

A consciência na busca da verdade não pode fechar-se em seu íntimo. Ela precisa partilhar as experiências junto às consciências alheias que estão buscando o mesmo objetivo. Neste intuito, Häring

confirma que se dará “um verdadeiro encontro de consciências na medida em que somos livres uns para com os outros; livres para receber e para dar não apenas algum conhecimento, mas, juntamente com o conhecimento e a experiência, dar-nos a nós mesmos”⁵. Este verdadeiro encontro de consciências acontece em dois momentos: no conhecimento recíproco à luz de Deus e aceitação mútua na pertença junto a Cristo, Verbo divino. Desta dinâmica e interação, as consciências serão plenamente vivas e criativas, pois estarão compartilhando de suas experiências e de seus conhecimentos, para a realização plena da existência na vivência da palavra de Cristo, inspirada pelo Espírito Santo.

2. A compreensão sagrada da consciência

A identidade da consciência está marcada pela unidade do intelecto e da vontade. Häring, entre os grandes teólogos de sua época, aceitou a posição de psicólogos e de terapeutas de que a consciência não pode ser compreendida apenas como faculdade. A consciência não está relevante na vontade ou no intelecto, mas é uma força dinâmica que perpassa ambas as dimensões do intelecto e da vontade. Estas dimensões permanecem juntas, pois denotam o significado mais íntimo de nossa existência psíquica e espiritual.

Häring, explicitando a compreensão sagrada da consciência, destaca que ela possui profundo anseio intrínseco pela totalidade e pela integridade. A consci-

⁵ Ibid.

ência não pode ser entendida de modo fragmentado, mas precisa ser vista em sua totalidade e, como consequência, buscando sempre a integridade no modo de ser e de agir.

O homem é a imagem profunda da Trindade divina. A partir desta ótica, a pessoa é compreendida em sua totalidade, ou seja, intelecto e vontade. Mas também é entendida com toda a sua afetividade que estão intimamente unidas na substância. A imagem da Trindade é de totalidade e de integridade. Logo, a pessoa é vista em sua totalidade e integridade que se refletem no profundo de sua consciência.

Häring aponta que a nossa consciência na sua totalidade e abertura, se torna sinal real da ação do Espírito Santo que renova o nosso interior e nos impulsiona a renovar a terra em que vivemos.

Häring explicita que o intelecto e a vontade mesmo unidos são distintos e, por isso, não podem desenvolver de forma neutra, um fora do outro. Porém, por sua finitude, tantas vezes se opõe um ao outro. Cria-se a divisão e com isto nasce o sofrimento, a angústia e a tristeza na consciência. Ela passa a necessitar de cura. Esta reação é fruto do Espírito que clama novamente por unidade e harmonia, para que a consciência volte a ser a imagem e semelhança de Deus.

Portanto, existe profunda integração entre intelecto, vontade e afetividade em nosso próprio ser e, por razão evidente, na própria consciência. Assim, haverá sempre por parte do intelecto a busca pela verdade e pela bondade, principalmente quando a

vontade luta contra todas as formas de perversidades e maldades. Assim, a primeira forma de compreender a consciência é a sua aspiração profunda para viver na totalidade e na integridade⁶.

A segunda forma de compreensão da consciência apresentada por Häring, refere-se à sua totalidade e abertura para a busca da verdade e à experiência da solidariedade. Para Häring, a verdadeira paz de consciência é aquela que nasce do encontro profundo do intelecto e da razão no empenho com e pela verdade. Com a união de todas as potências de nosso ser com a vontade, chegaremos à totalidade interior, considerando também a luz de Deus presente desde o princípio da criação. A nossa profunda totalidade de consciência nos lança ao encontro de nossos irmãos, pois não crescemos e nos desenvolvemos sozinhos, mas necessitamos do outro que nos ajuda em crescimento como pessoas. É por meio da interação com o outro que conseguiremos conhecer a nossa totalidade e o nosso anseio por dignidade que está presente também no outro. Somos carentes de amor e de respeito por todas as pessoas que se encontram ao nosso lado, pois dotadas de consciência. Nesta dinâmica de auto-interação encontraremos o significado profundo e a dinâmica de nossa consciência, respondendo a este amor de forma criativa em nossa mútua relação⁷.

Häring vê na profecia messiânica de Jeremias a compreensão da aliança com relação à consciência, cujo tema perpassa as cartas paulinas (cf. Jr 31,31-33; Hb 8,8-

⁶ Ibid., 219-220.

⁷ Ibid., 221.

12). Ele explicita que a lei que ecoa em nossa consciência é o amor (cf. Mt 7,12; Lc 6,31; Jo 15,12). A referência ao amor é a identidade de uma consciência madura, que consegue captar esta lei interior em conformidade à luz de Cristo, que Ele nos deu na realização da Nova Aliança. A nossa vida foi marcada com esta nova lei. Ela é escrita em nossos corações quando recebemos o Espírito Santo e nos abrimos à sua ação. Assim, Häring explicita que o anúncio de Jesus toca profundamente os nossos corações: "Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue" (Lc 22,20). Ele enfatiza que, se a Eucaristia é o ápice da nossa fé e da nossa vida cristã, logo deve ocupar o centro da nossa vida; assim, o cristão conseguirá atingir a totalidade de sua consciência e viver o signo da unidade com seus irmãos.

Häring referindo-se à opção fundamental, indica que a nossa consciência, no seu desenvolvimento, possui duas escolhas fundamentais: a solidariedade na dinâmica da salvação na moralidade, ou seja, vivendo autenticamente a aliança, ou para a solidariedade no pecado coletivo, isto é, negando a lei do amor que brota do chamado de Cristo. Ele relaciona a reflexão teológica sobre a solidariedade com a nova compreensão da psicologia com relação ao papel desempenhado pelo superego.

O superego é de fundamental importância no processo da socialização. Ele exerce uma força na infância e no início da adolescência. Quando a pessoa humana realiza a opção fundamental na ótica

da solidariedade no bem, todas as potencialidades do superego estarão direcionadas ao mesmo objetivo. Esta opção resultará em "uma consciência madura e serena, acompanhada da integração da pessoa no seu núcleo interior e da integridade na moralidade da aliança"⁸.

Por outro, quando o processo da educação foi errado e a dimensão do superego foi direcionada para reforçar uma obediência cega, a consciência tornará "o agente prepotente de todos os poderes obscuros, que levam as pessoas eventualmente para o pecado coletivo, para a hipocrisia, para o egoísmo beligerante de grupo e para a escravidão da falsidade"⁹.

Häring, dentro desta ótica, faz ainda um paralelo da moralidade do superego e da moralidade da aliança. A consciência que se forma simplesmente na moralidade do superego torna-se estéril, repetitiva e degradante. Já a consciência que é iluminada pela moralidade da aliança, leva a pessoa a buscar respostas atualizadas e criativas com relação à experiência e vivência da vontade de Deus e ao mesmo tempo, a sua convivência e interação com o seu próximo¹⁰.

Portanto, a consciência possui um anseio íntimo pela totalidade e pela integridade. Ela está impregnada pelas dimensões da unidade e da totalidade. Nesta dinâmica, a totalidade da consciência se abre para a verdade e para a solidariedade. A consciência que busca a verdade é uma consciência que deseja ser fiel a esta verdade e, ao mesmo tempo, livre para vivê-la. Nesta

⁸ Ibid., 222.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

visão, pode-se falar de uma consciência que busca viver na fidelidade e na liberdade criativa no seguimento a Cristo.

O terceiro ponto que Häring defende é ajudar a pessoa humana a formular juízo de consciência maduro e reto. O seu trabalho teológico-moral se volta essencialmente para as condições necessárias e fundamentais para este objetivo, para que nós, como cristãos, possamos produzir bons frutos.

Será que de fato existe uma consciência criativa? Para que haja uma dinâmica criativa do julgamento de consciência para sua vivência na verdade e na sua ação, Häring aponta algumas condições que são essenciais para que esta consciência criativa possa tornar-se realidade:

“Primeiro, da dinâmica da consciência dada por Deus, da aspiração inata para a totalidade e da abertura; segundo, da firmeza e da lucidez da opção fundamental que confirma o anseio natural por tais qualidades, mas que deveria ser honrada como fruto do Espírito;

terceiro, da força das disposições em face da vigilância e da prudência, e de todas as outras disposições que encarnam uma opção fundamental e boa; quarto, da reciprocidade de consciências no meio em que a liberdade e fidelidade criativas se encarnam e onde haja uma dedicação ativa e agradecida a elas; quinto, da fidelidade, da criatividade e da generosidade reais na busca da verdade, com a disponibilidade para agir à primeira palavra”¹¹.

Häring é acreditada na vivência e na formação de uma consciência criativa. Ela é dom de Deus e, por isso, é chamada a viver na dinâmica da totalidade daquilo que somos e da abertura para a ação do Espírito Santo, que renova o nosso ser e a nossa realidade. A consciência deve realizar a opção fundamental para a solidariedade da salvação, da aliança autêntica e não pela situação de pecado. A prudência e a vigilância devem pautar a nossa consciência num dado momento da história que estamos vivendo. É a dinâmica criativa da salvação, inaugurada por Jesus (cf. Jo 21,22-23). A consciência não é ilha isolada, mas, é chamada a se comunicar com a diversidade de consciências no respeito e na integridade de cada uma, buscando juntas soluções para os problemas pelos quais nos deparamos no cotidiano de nossas vidas. E, por fim, a consciência deverá estar sempre a caminho da verdade, sendo pautada pela fidelidade, criatividade, liberdade e generosidade de sua transformação digna e verdadeira.

Häring defende também que uma consciência que busca viver dentro da dimensão da criatividade, tende a crescer em novas dimensões. Nesta visão criativa da consciência, ela se torna, para o ser humano, um aspecto ascendente, ou seja, ajuda a passar do estágio presente de sua existência, para um mais elevado e maduro em sua vivência e ação.

Portanto, Häring, apresentando a consciência em sua fidelidade e liberdade criativas, defende uma nova dimensão de compreender a consciência. Ela é fiel à medida que se torna coerente com a sua

¹¹ Ibid.

própria identidade profunda e com o projeto de vida que assume como expressão de sua vivência. Assim, torna-se livre para viver e responder de forma criativa este projeto existencial.

3. Uma consciência distintamente cristã

A consciência é a referência máxima da pessoa para o seu viver e agir. A consciência não é uma ilha, mas ela é interpelada para ir ao encontro do outro e formar aí uma mútua relação de convivência e respeito. A humanidade, na sua totalidade, não é cristã, mas parte dela. Neste intuito, pode-se falar de uma consciência especificamente cristã?

Häring defende e apresenta uma argumentação convincente de que há de fato uma consciência cristã. O ponto nevrálgico para a formação dessa consciência, fundamenta-se no dogma da Encarnação do Verbo de Deus. Este evento tornou-se o ponto central da fé cristã. Em Jesus Cristo, Deus assumiu a nossa humanidade e a co-humanidade, ou seja, o divino e o humano (Jo 1,14).

Nós, cristãos, mediante o apelo de Jesus, somos convocados para assumir também a nossa humanidade e co-humanidade. É necessário assumir a identidade de cristãos no meio da humanidade, buscando viver a dimensão da solidariedade com a humanidade. Essa inspiração brota da pessoa de Cristo, que se tornou nosso salvador que, pela ação do Espírito Santo, "trabalha em todos, através de todos e para todos"¹². Dentro desta visão, poderemos falar de uma consciência distintamente cristã.

Mediante a existência de nossa consci-

ência cristã, por estarmos enraizados na vida de Cristo e Cristo em nossa vida (Jo 15,5), pela dimensão da fé, não nos cabe o direito de superioridade e de exclusividade perante o mundo. Acima de tudo, a nossa consciência torna-se mais responsável para servir e ser luz para todas as pessoas que ainda não encontraram Cristo e que necessitam da nossa ajuda fraterna.

Portanto, precisamos conhecer e tomar consciência de nossa identidade cristã, vivendo conforme o convite de Cristo, para que possamos conduzir as pessoas à plenitude da fé.

Häring demonstra que a consciência cristã está sob a lei da fé, ou seja, é dada em Cristo. Em Cristo, a consciência e a conscientização do cristão se dão no medida que se encontra com Ele, por ser uma nova criatura e, por isso, deve viver o dom da alegria por esta pertença. Mas também, pelo conhecimento de Deus e dos irmãos que é possibilitado pela vivência em Cristo e com Cristo (Jo 17,3).

O conhecimento de Deus e dos irmãos é um dom revelado pelo Espírito Santo, que toca o âmago de nossa consciência íntima. Assim, quando o cristão passa a conhecer o plano salvífico de Cristo, automaticamente há a confirmação da opção fundamental, ou seja, a nossa solidariedade na vivência autêntica da Nova Aliança, dando-nos a totalidade de consciência e o conhecimento pela dimensão da co-naturalidade. Portanto, em Cristo, o cristão conhece a plenitude de sua consciência, pois Ele nos revela a sua identidade, revelando também a nossa e, por consequência, a missão para qual nos interpela.

¹² Ibid., 231.

A consciência cristã que busca viver sob a lei da fé "é marcada pela liberdade e fidelidade criativas que brotam da fé em Cristo"¹³. A fé torna-se para o cristão o fator decisivo de acolher no coração, de modo alegre, o filho de Deus, que é a expressão máxima de nossa existência, de nosso caminho e da nossa verdade, pela qual deve pautar a própria consciência. A nossa adesão a Jesus Cristo possibilita nova experiência sob a ótica libertadora de poder realizar a excelência da amizade com Cristo, com o Pai, na ação do Espírito Santo, com os irmãos e, acima de tudo, realizou uma auto-compreensão de nossa consciência ao respondermos ao chamado de Cristo e à sua vontade.

Häring ensina que o fundamento e a firmeza da consciência cristã se solidificam na profunda experiência da fé. Assim, uma consciência amadurecida compreenderá que a fé deixa de ser um conjunto de formulações conceituais e torna-se uma atitude de profunda responsabilidade.

Uma segunda característica da consciência cristã é ser marcada pela graça de Cristo. Esta consciência cristã é orientada pelo Cristo em vista ao Pai, mas também influenciada pela constante atuação do Espírito Santo, que se realiza num profundo louvor e numa ação de graça permanente. Na verdade, esta consciência, estando sob a fé no Espírito Santo e pela imensa gratidão a Cristo, liberta-nos de todas as formas de egoísmos existentes em nossas vidas¹⁴.

Neste caso, a Eucaristia é o grande evento que marca a consciência cristã

na ótica da graça, ou seja, ela é o reconhecimento de tudo que Deus realizou e prometeu em nosso favor. Esta ação de graças que é evocada pela Eucaristia leva a consciência cristã a realizar avaliações em cada situação vivida, percebendo as necessidades de nossos irmãos e nos impulsionando para que possamos ser responsáveis por eles. Assim, sendo disponíveis para servir, poderemos louvar a Deus por tudo que Ele concretiza na nossa existência cristã.

A consciência cristã é marcada pela graça de Cristo. Esta graça conduz o cristão a viver profundamente o amor de Deus. Ele já não vive o peso de uma lei externa e de normas proibitivas, mas o seu agir estará marcado essencialmente pelos mandamentos-meta, pelos ensinamentos de Cristo nos evangelhos e pelas orientações de Paulo em suas epístolas, dirigidas às diversas comunidades de seu tempo. Entretanto, o cristão será livre para servir e amar o próximo e se tornará fiel em Cristo, pois, do contrário, ninguém poderá ser livre e fiel em Cristo, sendo legalista, vivendo uma lei abstrata e universal, sem nenhuma consciência da salvação e desejando impô-la de modo implacável aos outros irmãos.

Portanto, a consciência cristã que é gerada na fé e na graça reconhece que todos os dons provêm de Deus e não colocá-los em prática de maneira responsável, é tornar-se ingrato diante do Pai celeste e de todos os irmãos. Para atingir a consciência sob a luz da graça, é necessário viver a espiritualidade sacramental. Pode-se partir desta formação após o

¹³ Ibid., 232.

¹⁴ Ibid., 233-237.

batismo, tomando consciência do seu significado e dos frutos que podemos produzir a partir de sua graça. Ele “é comunhão com o corpo de Cristo e com o sangue da aliança. Cristo se dá a nós de forma tão plena, que seu amor e seu louvor ao Pai podem estar vivos em nós e através de nós”¹⁵. Já na ótica do sacramento do matrimônio, os esposos, na sua mútua entrega e vivência deste amor, devem ensinar os filhos a compreensão da lei e da graça de Cristo. Assim, os filhos desenvolverão suas consciências responsáveis e criativas, tendo por exemplo, a vivência dos pais pela auto-entrega recíproca.

Uma terceira característica apontada por Häring de uma consciência distintamente cristã, é a esperança. Para ele “cada ato de consciência e toda a formação da consciência deveriam ser vistos sob a luz das virtudes escatológicas, as quais possibilitam e buscam a fidelidade e a liberdade criativas”¹⁶.

Conforme Häring, a nossa ética é peregrina. Ela causa uma profunda esperança em nossa consciência, pois há uma esperança especificamente cristã. Esta esperança é baseada na fé que nasceu da ressurreição da morte de Cristo e do cumprimento da Palavra de Deus revelada à humanidade. Há uma esperança final, ou seja, escatológica de um novo céu e de uma nova terra que o Pai prometeu, por meio do seu Filho. Mas, é necessário que o cristão, cheio de esperança, trabalhe de modo fiel, para que o amor, a justiça

e a paz em toda a nossa vida se tornem realidades concretas.

Portanto, esta esperança pode tornar-se realidade pela consciência de justiça social que os cristãos possuem; pela sua ação não violenta e através de uma Igreja que esteja vigilante aos “sinais do tempo”. Assim, a consciência, cheia de esperança, trabalhando e agindo dentro da sociedade, poderá esperar um novo mundo que surgirá desta mesma esperança.

A quarta característica explicitada por Häring em sua obra, é que uma consciência distintamente cristã está sob a ótica da vigilância e da prudência. Para ele, “a vigilância resulta de uma tensão criativa entre o “já” e o “ainda não”, percebida e correspondida por meio da ação de graças e da esperança”¹⁷.

A consciência cristã, vivendo a tensão histórica da obra da salvação, é chamada a estar vigilante para a chegada do Senhor. Essa consciência pode ser identificada pela parábola das virgens. O Reino já foi inaugurado por Jesus, porém, ainda não está concretizado. A consciência cristã vive sob esta tensão escatológica.

É necessário que a formação da consciência seja entendida à luz da virtude da prudência, sendo vista também sob a ótica das virtudes escatológicas, de modo ímpar, da vigilância. Assim, Häring compreende que “uma prudência vigilante confere à consciência o tato delicado para cada situação, e sabe decifrar, mesmo em meio aos mais confusos e atordoantes acontecimentos, as oportunidades e as necessidades pre-

¹⁵ Ibid., 235.

¹⁶ Ibid., 237.

¹⁷ Ibid., 238.

sententes, a despeito de toda obscuridade que provém de pecados passados e das seduções e um mundo pecador”¹⁸.

Dentro desta visão, a consciência cristã estará aberta ao convite do Senhor, tornando-se sensível e confiante em sua graça. A resposta ao chamado do Senhor proporciona à consciência a criatividade para viver em meio às tensões escatológicas do “já” e do “ainda não” e também, a verdadeira fidelidade em manter-se confiante na Palavra do Senhor, sendo prudente e vigilante na vivência do Reino e na espera do Senhor pela sua concretização.

A consciência cristã, no signo da prudência vigilante, apresenta dupla missão: “avaliar corretamente as realidades objetivas; discernir e ordenar as ações apropriadas como resposta aos dons de Deus e às necessidades humanas”¹⁹.

Portanto, a consciência que se pauta pela formação e amadurecimento na ótica da prudência vigilante é capaz de perceber a realidade histórica e responder criativamente e com fidelidade aos desafios dos irmãos, fortalecida pela graça de Deus.

A última característica da consciência cristã apontada por Häring, é uma consciência formada no discernimento da virtude da crítica. Ele destaca as razões para o cristão viver o discernimento: “renovação bíblica e patrística, a ênfase sobre as inspirações do Espírito Santo; maior atenção ao poder criativo da consciência sob a influência do Espírito Santo; o interesse renovado pela experiência espiritual e, finalmente, a nova

situação da sociedade pluralista e, por vezes, confusa, fazem da virtude da crítica um imperativo”²⁰.

Häring questiona a quem a nossa consciência deve seguir. Ele enfatiza que, vivendo em meio a tantas ideologias, é de fundamental importância estar atento à Palavra de Jesus (Mt 7,15-17). Todos os cristãos devem buscar o discernimento na prática de sua vivência cotidiana. Para alcançar esta virtude crítica, é necessário levar em consideração a totalidade da pessoa e da sua abertura de consciência aos dons do Espírito Santo. Assim, a experiência da fé e a vivência da lei do amor de Cristo são as condições que o cristão deve viver, após perceber criticamente em que deve ocupar o seu tempo.

O discernimento, como virtude crítica, é fundamental para a Igreja e o mundo, tendo em vista o bem dos irmãos. Por isso, é necessário formar a consciência crítica no coração da Igreja e do mundo. No modelo de uma sociedade pluralista, os cristãos deveriam assumir um perfil crítico na busca do bem e da justiça. Häring demonstra que nós cristãos devemos escolher a crítica, pautando-nos numa visão positiva de Deus. Ou do contrário, cairíamos em dois extremos: uma consciência conformista negligente ou uma consciência crítica viciosa.

O cristão deve aceitar as críticas alheias, tendo em vista o seu amadurecimento de consciência e o crescimento espiritual. Ele deve ter a humildade para reconhecer as suas faltas e pecados. Dentro desta linha

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid., 239.

de reflexão, Häring destaca que a nossa consciência deve ouvir a palavra dos profetas, pois ela é capaz de derrubar as nossas máscaras, ou seja, erros e falsidades. Assim, a nossa consciência crítica deve ser vista como serviço ao bem comum da comunidade e da sociedade como um todo, visando sempre esta prática, a “delicada persuasão, autocontrole e compromisso com a linguagem e ação não violenta”²¹. A virtude da crítica forma a consciência crítica para que ela assuma o diálogo e a reconciliação, como missão de um mundo sempre novo e renovado pela verdade.

4. A Reciprocidade de consciências

Häring destaca, de início, que há um princípio de mutualidade de consciência nos radicais: cum e scientia. Eles significam conhecer juntos. A consciência se dá num processo recíproco de auto-conhecimento e amadurecimento juntos.

Para Häring, “a consciência sadia permite relacionamentos salutareos com o próximo e com a comunidade [...]; relacionamentos salutareos no amor e no respeito mútuos, bem como uma comunidade e uma sociedade sadias promovem intensamente o desenvolvimento e a saúde da consciência individual”²².

Pode-se dizer que, conforme o pensamento de Häring, há uma influência da consciência individual sobre a comunidade e a sociedade e vice-versa. É necessário, antes de tudo, formar uma consciência capaz de relacionar-se consigo mesma, com o outro e com Deus e com os outros. Isto é

possível, quando a sua auto-atenção e a sua auto-reflexão interior se dá na experiência do encontro com o outro que deseja crescer e desenvolver-se.

Para Häring, da reciprocidade de consciência nasce verdadeiro respeito e sincera liberdade na relação com a consciência do outro. Essa dinâmica permite o outro ser aquilo que é, expressando a sua originalidade e a sua vida. Assim, cada pessoa, na ótica da solidariedade com o outro, torna-se “uma fonte de identidade, integridade e autenticidade recíprocas”²³.

Quando as pessoas buscam a vivência recíproca de suas consciências, haverá a verdadeira liberdade e a fidelidade criativa, para viver cada situação à luz do chamado de Cristo. Por outro lado, a ausência de amor e de respeito pelos outros podem impedir a reciprocidade de consciências. Assim, a realidade mais traumática para nossa consciência é descobrir que ainda somos incapazes de amar a nós mesmos e o outro que nos interpela para a mútua reciprocidade.

Häring defende e explicita que o encontro recíproco de nossas consciências está fundamentado em nosso relacionamento e em nossa vivência de fé com Cristo. Se nós somos chamados a viver para o Senhor, devemos viver também com os outros, sendo atenciosos e respeitando a consciência de cada irmão.

Para Häring, um aspecto essencial da reciprocidade de consciências é a liberdade de consciência, destacando, de modo particular, a liberdade religiosa. Pois, quanto

²¹ Ibid., 242.

²² Ibid., 248.

²³ Ibid., 249.

mais é respeitada e protegida a liberdade de consciência, tanto mais cresce a esperança de que o homem viverá de fato segundo a sua consciência. Tal liberdade, tem também um fundamento cristológico porque Cristo dirige a sua mensagem à própria consciência do homem e não quer escravos, mas amigos. Por isso, a escolha da fé católica pode ser feita apenas no pleno respeito da consciência.

Häring focou também o argumento da autoridade da Igreja no contexto da reciprocidade das consciências. É verdade que a consciência sincera constitui para cada um a autoridade máxima depois de Deus. Todavia, "a nossa consciência só atinge a sua plenitude na reciprocidade com outras consciências. Recebemos luz e força através da autoridade de pessoas conscienciosas, dos santos, dos profetas que são igualmente competentes em setores importantes da vida"²⁴.

Portanto, vivemos a comunhão dos santos, comunicando também as nossas reflexões e as nossas experiências morais e religiosas, encorajando-nos uns aos outros a alimentar sempre maior convicção de consciência.

5. A liberdade de consciência

Para Häring, um aspecto essencial da reciprocidade de consciência é a liberdade de consciência, destacando, de modo particular, a liberdade religiosa. Ele explicita que o tema da liberdade de consciência foi no passado, negado aos fiéis, a Igreja se im-

punha como verdadeiro caminho e sem nenhuma possibilidade de erro, como autoridade de Deus. Muitos erros foram cometidos. Mas, hoje, a Igreja mudou e reconhece suas falhas em matéria da liberdade religiosa e de consciência²⁵. Assim, no presente da história cristã está de acordo que centralize "a pessoa e a reciprocidade de consciências como base da vida em comunidade e da evangelização"²⁶.

Para Häring, "quanto mais a liberdade de consciência é respeitada e protegida, tanto maior é a esperança de que as pessoas não de viver verdadeiramente de acordo com suas consciências"²⁷. Ele demonstrou que a Declaração do Concílio Vaticano II sobre a liberdade religiosa reconhece que o respeito à consciência e a proteção de sua liberdade promovem profunda coexistência, colaboração e co-participação entre as pessoas. O texto diz o seguinte:

"Formem pessoas humanas que sejam amantes da verdadeira liberdade, em outras palavras, pessoas que tomarão decisões baseadas em seu próprio julgamento, e que, à luz da verdade, não de orientar suas atividades com senso de responsabilidade, e tentar alcançar o que é verdadeiro e certo, desejando sempre unir-se aos outros em cooperação de esforços" (DH art. 8).

Conforme Häring, deve haver o respeito pela consciência e pela liberdade religiosa, vivendo nesta dinâmica, o resulta-

²⁴ Ibid., 264.

²⁵ Ibid., 253-254.

²⁶ Ibid., 255.

²⁷ Ibid., 257.

do será a promoção do bem comum e do desenvolvimento concreto da paz no seio da humanidade. Estes dois conceitos resumem os direitos básicos da pessoa humana dentro das sociedades para que reine a justa consideração pelo ser humano em seus diversos relacionamentos e comportamentos sadios.

Os cristãos são chamados a reconhecer o grande valor da liberdade de consciência e da religião, visando o bem da fé e da evangelização, reconhecendo também, a responsabilidade de serem pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus. A liberdade de consciência não é acerto político, mas resposta da Igreja à revelação de Deus na pessoa de Jesus Cristo.

Häring de acordo com a declaração do Concílio Vaticano II sobre a liberdade religiosa confirma o seguinte pensamento dentro da sua visão: "A liberdade religiosa na sociedade está em absoluta consonância com o ato de liberdade da fé cristã" (DH art. 9).

A liberdade religiosa é a própria liberdade de consciência, pois a pessoa pode acolher outras manifestações religiosas em sua experiência existencial por sua livre e espontânea vontade. Assim, o Concílio foi capaz de perceber na visão de Häring, que a opção de fé e as diversas expressões religiosas sairiam ganhando se houvesse de fato, respeito pela liberdade de consciência e de religião²⁸.

A liberdade possui um fundamento cristológico, porque Cristo dirige a sua mensagem à própria consciência do homem

e não quer escravos, pois a sua missão foi de orientar as consciências das pessoas livremente para o seu Reino e para Deus. O Senhor nos criou na liberdade e para a liberdade, por isso, a missão da Igreja é ser fiel a Deus por uma questão de fidelidade ao seu plano de salvação para a humanidade. Assim, a Igreja será rica com a fidelidade e a liberdade criativas, conduzindo neste mesmo caminho a consciência dos fiéis.

A liberdade religiosa para Häring, promove as condições necessárias para testemunhar a verdade e para fundamentar a credibilidade perante a sociedade. O Evangelho só pode transformar a consciência em sua profunda liberdade, mas para isto, é necessário proporcionar a liberdade de consciência, evitando toda forma de manipulação da fé. Pois Cristo, na visão do apóstolo Paulo, nos libertou para a liberdade do amor. Assim, o amor e a fé desenvolverão em nossas consciências energias criativas²⁹ para a vivência da liberdade e da fidelidade ao próprio Cristo.

O cristão é salvo não por meio de meros ritos, mas através da realização do bem e em profunda relação com Deus, vivendo conforme a sua vontade. Assim, a liberdade religiosa "é uma condição essencial para o compromisso do cristão de dar testemunho e de ganhar todos para Cristo, e, ainda, de estar a serviço da salvação de toda a humanidade"³⁰.

Falar de liberdade é expressar e proporcionar, em primeiro lugar, a liberdade para a consciência da pessoa. A Igreja na visão de Häring, deve promover e sustentar a li-

²⁸ Ibid., 259.

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid.

berdade da consciência em si mesma. Ela não pode querer a liberdade somente para si mesma, ou acentuá-la na escolha de seus membros. Cristo não veio para um grupo especial, mas para conduzir todos os homens à plenitude da verdade. Ele fala à consciência humana livremente chamando-a a segui-lo sem nenhuma imposição, mas na liberdade pode escolher e fazer a sua própria opção pessoal. Por isso, a escolha da fé católica só pode ser feita apenas no pleno respeito da consciência. Assim, a Igreja tem por missão não a busca de sua própria liberdade, mas a de ser "sacramento de liberdade e de libertação"³¹.

Nesta ótica, os cristãos devem dar testemunho de que estão interessados pelo Reino anunciado por Cristo, pela liberdade de todas as pessoas que anseiam pela verdade e que através de suas consciências, possam agir e viver conforme a liberdade dada pelo próprio Cristo. Assim, nenhuma consciência pode ser impedida em sua liberdade de buscar a verdade e agir de acordo com o seu julgamento sincero em vista do seu bem e das pessoas que estão ao seu lado.

Häring enfatiza dentro da visão da liberdade de consciência e por consequência, a liberdade religiosa, que a missão da Igreja é ser "sacramento da salvação e da verdade"³² [...]. Por isso, ela deve promover a liberdade de consciência no objetivo de atingir a verdade plena em Jesus Cristo e depois esta verdade chegaria a todas as pessoas por meio dos discípulos. Neste intuito, o anúncio do Evangelho deve interpelar as pessoas para a liberdade de consciência e para a verdadeira li-

berdade dos filhos de Deus, levando-as a reconhecer em suas consciências, como dom do Senhor, o *kairós*, isto é, o tempo de graça, com a possibilidade de empenhar-se na realização de novo momento na história, visando o crescimento na liberdade, na bondade e na verdade.

A liberdade religiosa na visão de Häring, não é algo intimista ou individualista, mas opção sincera e madura pela moralidade da Nova Aliança em Cristo. Um compromisso comum da consciência cristã, visando a liberdade na responsabilidade. Para Häring a liberdade religiosa é abertura para a fé no Espírito Santo. Ele nos ajuda a perceber a bondade das pessoas e assim, se pode interpelar suas consciências e ajudá-las a fazer a verdadeira experiência da liberdade através de seus recursos interiores.

A Igreja, ao proclamar a liberdade, não deve ter em vista o seu próprio bem, mas fazê-lo porque a missão dela consiste em sustentar a consciência de seus membros e de todas as pessoas de boa vontade que buscam viver na sinceridade do bem. Para Häring, a grande esperança consiste em que a consciência dos não-cristãos possa ser ouvida pela voz profética da Igreja. Para alcançar este objetivo, os membros e os dirigentes deveriam superar o poder e a pressão, tornando-se agentes morais e possam contribuir com todas as pessoas que almejam na sinceridade de suas consciências a prática do bem e da verdade.

Por fim, Häring alude para a questão da liberdade para a educação religiosa e educação para a liberdade. Ele defende a diversidade de escolas, para que não haja o mo-

³¹ Ibid., 260.

³² Ibid., 261.

no pólio estatal de escolas e por isso, cairia numa moralidade convencional de obediência inflexível da consciência. Assim, a diversidade de escolas poderá promover um bom trabalho para a educação, principalmente na formação de uma consciência criativa e de uma discordância crítica e construtiva, realizada com profundo discernimento, em vista da liberdade e do bem comum da sociedade.

Após refletir sobre o tema da liberdade de consciência e de modo específico, da liberdade religiosa na formação da consciência, Häring enfatizou a relação da autoridade da Igreja dentro da temática da reciprocidade de consciências.

6. Consciência e autoridade eclesial

Häring focou o argumento da autoridade da Igreja no contexto da reciprocidade das consciências. Para ele, a consciência sincera constitui para cada pessoa a autoridade máxima depois de Deus. Todavia, "a nossa consciência só atinge a sua plenitude na reciprocidade com outras consciências. Recebemos luz e força através da autoridade de pessoas conscienciosas, dos santos, dos profetas que são igualmente competentes em setores importantes da vida"³³.

A luz e o estímulo que a nossa consciência necessita para viver e agir não provém apenas de leis abstratas. Para Häring, a referência à consciência está fundada no paradigma de uma pessoa exemplar que age na verdade e na sinceridade da autoridade da própria consciência e respeita profundamente a consciência das outras pessoas.

Conforme Häring, "vivemos a comunhão dos santos compartilhando nossas reflexões e nossas experiências morais e religiosas, encorajando-nos mutuamente a uma profundidade sempre maior de consciência. Os melhores dons para a Igreja e para cada um de nós são os santos que se colocaram inteiramente sob a autoridade do Deus cheio de amor, mediante um coração puro e uma consciência sincera"³⁴.

Para Häring, as autoridades da Igreja serão reconhecidas na comunidade eclesial pela autoridade dos profetas e por meio de exemplo de muitos santos, que vivem a experiência plena da reciprocidade de consciência em sua relação com Deus e em profunda co-responsabilidade com e para todo o povo de Deus presente na humanidade.

A Igreja em sua autoridade só pode crescer quando papas e bispos forem realmente carismáticos, pastores zelosos, anunciadores e vivenciadores do Evangelho. Para Häring, as autoridades exercem um papel fundamental para a consciência cristã, principalmente quando são observadoras e ouvintes, capazes de buscar inspiração na vida dos santos e na experiência dos profetas, de homens e mulheres capazes de expressar, pelo conhecimento adquirido e, acima de tudo, pelo espírito de oração que conduz à verdadeira prática da vontade de Deus.

Häring não é contra a autoridade daqueles que estão à frente da Igreja para guiar as consciências cristãs. Assim, a autoridade deve ser reconhecida por parte daqueles que ensinam e tomam decisões sobre o povo cristão. Por outro lado, a

³³ Ibid. 264

³⁴ Ibid., 264-265.

consciência deve possuir o espírito de lealdade e de obediência diante das autoridades não cegamente, mas dentro de uma reciprocidade compreensiva para o próprio bem pessoal e da Igreja. A autoridade da Igreja e a da nossa obediência devem estar baseadas na plena encarnação de Jesus Cristo, em sua comunhão dos santos, na fé transmitida pelos apóstolos, confessada, celebrada e pregada por toda a Igreja. Nesta ótica, “é a fé comum a todos os cristãos que pode ser compartilhada e melhor compreendida na reciprocidade de consciências”³⁵, isto é, na profunda experiência da fé partilhada entre o povo e as autoridades.

Portanto, conforme Häring, a autoridade da Igreja na relação com a consciência cristã é autêntica e fiel a Cristo a partir do momento que o centro de interesse não se dá na submissão e na manipulação de consciências, mas na esfera da honestidade, da verdade e da responsabilidade vivida e compartilhada. Entretanto, pode-se concordar com Häring que afirma que “todos os santos, os profetas, os que gozam de particular competência e as autoridades hierárquicas devem reunir as energias para enfrentar toda espécie de manipulação de consciências, e para educar as pessoas abertas ao Espírito e providas de coragem para arcar juntas com suas responsabilidades [...]”³⁶.

7. A consciência inquieta e escrupulosa

Häring defende uma formação moral da consciência a partir da responsabilidade, da liberdade e da fidelidade criativa. Esta edu-

cação ajudará no combate e na cura de consciências escrupulosas. A consciência escrupulosa é fruto de uma acentuada visão de pecado, substituída pela graça de Deus, sendo enfocada de modo singular, na confissão completa dos pecados, numa relação unilateral.

Para Häring, “quem desobedece à sua consciência em questões de relacionamentos sadios, ao dom à lei do amor todoabrangente, tende a buscar refúgio num esforço aflitivo e estreito para cumprir os mais insignificantes pormenores das leis, a fim de esconder de si mesma e dos outros sua apatia e relaxamento nos setores importantes da moralidade. Só pode haver cura se a pessoa compreender melhor a totalidade da vida ética e esforçar-se para integrar a oração na vida”³⁷.

A escrupulosidade da consciência nasce da desobediência da pessoa à sua consciência, deixando de lado a busca sincera da verdade e do bem. A pessoa depois tende a viver de aparência, a exterioridade da lei, para auto-justificar diante do outro e de Deus. Häring aponta como solução para este tipo de consciência, a conversão sincera do coração, destacando que Deus deseja a sua cura e a sua libertação.

Portanto, como entender a consciência moral na obra “Livres e Fiéis em Cristo”? Ele vê a consciência como santuário da fidelidade e da liberdade criativa. Ela está intimamente relacionada com o discipulado de Cristo. É no seu íntimo que o cristão recebe o confronto com Deus e com os seus semelhantes. A consciência faz-nos ver

³⁵ Ibid., 266.

³⁶ Ibid., 267.

³⁷ Ibid., 276.

como o nosso verdadeiro “eu” está unido a Cristo. Ela é vista na sua totalidade e na sua integridade. A consciência deve buscar a verdade e o bem. Häring define que esta consciência possui uma identidade cristã. Ela é marcada pela fé na encarnação do Verbo e deve ser vivida e experienciada na comunidade cristã. Assim, a consciência deve ser respeitada na sua liberdade,

mas ao mesmo tempo é chamada a viver conforme a revelação de Cristo em seu íntimo e buscar no seu íntimo a reciprocidade com as outras consciências.

O autor é Mestre em Teologia Moral.
Rua Bom Jardim, 100
Ap 204-B Ermelinda
31250-200 - Belo-Horizonte-MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Como o Concílio Vaticano II definiu a Consciência Moral?
- 2- Quais são as características de uma consciência moral distintamente cristã?
- 3- Como trabalhar a formação de uma Consciência Moral na liberdade, na fidelidade e na criatividade através do seguimento a Jesus Cristo?

“A consciência cristã, no signo da prudência vigilante, apresenta dupla missão: “avaliar corretamente as realidades objetivas; discernir e ordenar as ações apropriadas como resposta aos dons de Deus e às necessidades humanas” ”



CRB

Impresso
Especial

050200140-2/2002 - DR/RJ

CRB

CORREIOS

Quadro Programático da CRB 2005-2007

Horizontes

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

Prioridades

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parceria com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunha de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

Realces

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.